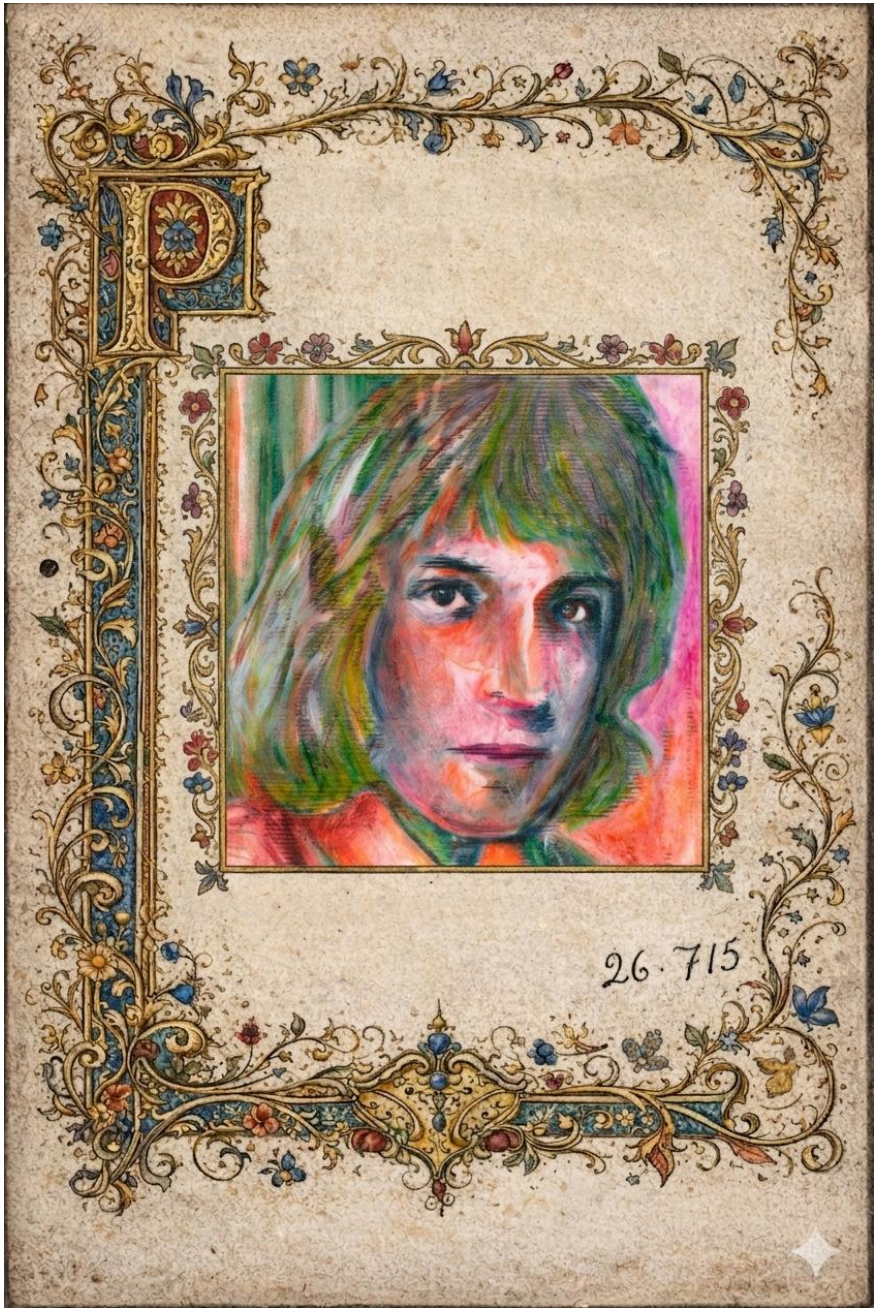


EM CONCERTO

**ARNALDO &  
PATRULHA  
DO ESPAÇO**  
(1977-78)

**★ ADIOS, BRUXOS  
DEIXE O GRANDE IRMÃO  
SE AFOGAR NA PIA ★**

★ Kokinho ★ John Flavin  
★ Júnior ★ Dudu



26.715

**UMA CARTA: Foi breve, mas intenso...**

**"50 ANOS DA SPACE PATROL: UMA CARTA DE ZÉ BRASIL"**

**DUROU POUCO, MAS FOI INTENSO...**

"A Space Patrol foi a primeira banda de Arnaldo Baptista após sua saída dos Mutantes, em 1973. O nome foi sugerido pelo guitarrista e técnico de som alemão-argentino Alan Kraus, que chegou a participar dos primeiros ensaios. Ensaivamos diariamente na Serra da Cantareira e realizamos duas apresentações no Parque do Ibirapuera, com um repertório baseado no disco *Lóki?*."

A formação inicial contava com Arnaldo Baptista (teclados), Marcelo Aranha (guitarra) e eu, Zé Brasil (bateria). Começávamos os shows com minhas músicas, que eu cantava acompanhado pela minha viola caipira Del Vecchio. Depois, Arnaldo e Marcelo se juntavam a mim com violões folk. Para apresentar as músicas do *Lóki?*, Arnaldo assumia os vocais e os teclados — tocando órgão, clavinet, sintetizador e fazendo o baixo com a pedaleira do órgão Hammond. Marcelo empunhava sua guitarra Gibson Les Paul De Luxe preta, com metais dourados, enquanto eu usava minha bateria Pinguim, incrementada com peças Ludwig, Premier e pratos Paiste e Zildjian.

Nas faixas mais pesadas, Arnaldo assumia o baixo, e a Space Patrol se transformava em um power trio. Posteriormente, o baixista Sérgio Kaffa entrou na banda, gravando apenas uma faixa do disco, 'Desculpe'. Fui o primeiro a deixar o grupo, em meados de 1974, para formar o conjunto Apokalypsis.

Foi uma grande satisfação participar do projeto *Lóki?*, ajudar a fundar esse lendário conjunto e me tornar amigo de Arnaldo Baptista."

— Zé Brasil, dezembro de 2023



## **Patrulha do Espaço: A Escolha do Nome e Suas Conexões Culturais e Sociais**

A tradução de *Space Patrol* para Patrulha do Espaço surgiu pela primeira vez como subtítulo da música instrumental "Honky Tonky", última faixa do icônico LP *Lóki?*.

Embora *Space Patrol* pudesse ser traduzido literalmente como Patrulha Espacial, Patrulha do Espaço foi escolhida por ser mais coloquial e acessível, transmitindo uma sensação de aventura e exploração universal, típica das histórias de ficção científica. A adaptação também se conecta melhor com o público, sugerindo uma ideia mais poética de proteção e exploração do espaço.

A escolha de Patrulha do Espaço reflete a mesma inspiração que levou Arnaldo Baptista a adotar o nome "Mutantes" para sua banda, no sentido de se ligar à ficção científica e à ideia de um som "espacial". No entanto, esse som não atraiu a atenção do trio de Os Mutantes, o que torna a escolha do nome ainda mais significativa.

Em uma conversa com Rolando Castello Jr., ele comentou que a Patrulha do Espaço também podia ser vista como uma metáfora para a proteção do "espaço" ambiental, especialmente no contexto da crise de grilagem de terras que Brasília enfrenta na atualidade. Assim, o nome transcende a ficção científica, conectando-se com questões ambientais e sociais da realidade brasileira.



# P

## PATRULHA DO ESPAÇO

De: Arnaldo Dias Baptista

Grav.: Os Mutantes

NÓS SOMOS A PATRULHA DO ESPAÇO  
- SOMOS FORTES E VALENTES

NÓS NÃO QUEREMOS O SEU DINHEIRO,  
SOMOS JUSTICEIROS

NÓS NÃO ESTAMOS NEM AÍ  
PARA A POSSE DO ESPAÇO  
QUEREMOS LHE DÁR UM ABRAÇO.

VENHA, PR'O NOSSO IDEAL  
ATÉ QUANDO DEUS QUISER

MAN'S LIB, NATUREZA, AMOR!

NÓS SABEMOS QUE ÊLES QUEREM  
CONQUISTAR A TERRA

E VAMOS NOS OPOR

ÊLES PROGRAMAM TODO O MUNDO PARA TER PRAZER  
NA DOR ORA!

PRAZER SEM TER AMOR

MAN'S LIB, NATUREZA, AMOR

26.715

1969

31 DE DEZEMBRO

## FLASHBACKS

“Eu e Kokinho pegamos uma carona na Marginal Tietê e, após sete dias de viagem, chegamos a Arembepe. Três meses depois, estávamos de volta. Foi então que Kokinho comprou seu baixo Fender e mergulhou de vez no mundo do rock. Saudades eternas.”

(Sérgio Kera)

★ “Trabalhei com ele por cinco anos, viajando por todo o Brasil e América Latina. Ele foi um grande amigo para mim. Em uma ocasião, estávamos prestes a subir ao palco no meio do nada, e estava um frio intenso. Ele percebeu que eu não conseguiria tocar daquela forma e me deu seu casaco para me aquecer. É mole?”

(Norba Zamboni sobre Kokinho Gennari □)

## MUTANTES

Os Mutantes e Arnaldo, com seu novo grupo — Patrulha do Espaço, deverão estreiar dia 24 no Teatro Bandeirantes, fazendo a apresentação dos dois Lps do grupo. A temporada deverá estender-se até o dia 27 deste mês. Os Mutantes não se apresentam em São Paulo há seis meses, pois estão morando em um sítio, no Estado do Rio, em Itaipava, e Arnaldo estava pesquisando som em Londres. A nova formação dos Mutantes, além de seu fundador Sérgio Dias Batista, conta com Túlio Mourão, nos teclados, Rui Mota, na bateria e Antônio Pedro no contrabaixo.

Vamos esperar pela reviravolta de qualidade, destes músicos que andaram um tanto apagados, e que racionalmente pararam para pensar. A promoção é de Samuca Wainer.

*Recorte de jornal paulista, edição de 16 de outubro de 1974.*

## **Fins de 1975?**

A nova viagem sonora começa quando Arnaldo estrutura seu "novo" grupo com uma velha ideia: reaquecer o som "lenha" da banda Patrulha do Espaço. Inicialmente, o grupo contava com o baterista Zé Brasil, mas agora, em sua nova formação, estava definido com Ruffino Lomba Neto e Dudu Chermont nas guitarras, Cenoura no contrabaixo e Arnaldo na bateria, explorando uma configuração incomum — dois chimbaus, um de cada lado.

Curiosamente, Ruffino Lomba, conhecido no rock nacional por seu trabalho como baixista, aparece aqui assumindo a guitarra. Já Dudu Chermont surge tocando guitarra ao lado de Arnaldo um ano antes de ser efetivado na Patrulha do Espaço, em setembro de 1977. Quanto a Cenoura, o contrabaixista, pouco se sabe — há quem afirme que havia, sim, um Cenoura na história.

Sobre a técnica dos dois chimbaus, ela proporciona maior fluidez, equilíbrio e versatilidade ao baterista. Talvez Arnaldo estivesse evocando Billy Cobham ou mesmo Neil Peart, já que essa abordagem permite tocar sem cruzar os braços, tornando a execução mais natural e ergonômica. Mas, sendo sincero, não entendo de bateria e jamais o vi tocando dessa forma — são apenas suposições!. Nessa nova encarnação da Patrulha do Espaço, a banda se limitava a ensaios caseiros, com pequenos amplificadores e a companhia silenciosa de uma televisão ligada sem som. Entre os poucos espectadores privilegiados desse experimento, estava ela: a TV.

## **1976**

### **MARÇO: MUTANTES: TUDO NOVO**

Após um período difícil, marcado por dívidas que ultrapassavam Cr\$ 100.000, os Mutantes tentam virar a página e resgatar a essência dos tempos áureos: som inovador e foco em resultados financeiros. As mudanças começam com a saída de Túlio Mourão (teclados), que planeja integrar o Ad-Canto, e de Pedro (contrabaixo), que decidiu abandonar o antigo esquema da banda. Enquanto isso, boatos circulam de que Arnaldo Baptista, um dos fundadores da formação clássica, estaria cotado para substituir Túlio. Já o posto de Pedro deve ser preenchido por Paul, ex-guitarrista do grupo Veludo. Com essas mudanças, tudo indica que, dos antigos Mutantes, restarão apenas o nome e a forte presença do talentoso guitarrista e líder Sérgio Dias.



Durante uma viagem pelos Estados Unidos, Arnaldo alugou um Pontiac e partiu de Los Angeles rumo a Nova York, com a missão de encontrar peças para motocicletas. No meio do trajeto, um dos pneus traseiros estourou, e o carro derrapou violentamente, girando fora de controle. No acidente, Arnaldo se feriu gravemente, fraturando parte da cabeça e precisando levar pontos. Depois do ocorrido, ele voltou ao Brasil desiludido, com os danos físicos ainda visíveis, mas carregando também marcas psicológicas que o assombraram por muito tempo.

Durante essa épica road trip, a canção "Take It to the Limit", dos Eagles, que alcançou o quarto lugar nas paradas, acompanhava Arnaldo enquanto ele dirigia e cantava, imerso nas palavras:

*So put me on a highway*

*And show me a sign*

*And take it to the limit one more time*

A música, com sua busca por liberdade e superação de limites, refletia o momento de Arnaldo: a ideia de viver ao máximo, de levar tudo até o limite, repetidamente, mesmo diante das dificuldades e incertezas. As palavras "take it to the limit" ecoavam como um símbolo de sua natureza inquieta, sua ambição e sua vontade de seguir, apesar de tudo.

Anos depois, Arnaldo interpretaria essa canção ao vivo, proporcionando ao público um deleite ainda mais profundo, agora imbuído das experiências e reflexões que aquela viagem e aquela música representavam para ele.



Para desespero dos amigos mais próximos — os companheiros de rock dos tempos da Pompéia —, Arnaldo insistia em dizer que não os reconhecia. De nada adiantava chamá-lo: — Arnaldo! Sou eu! Fulano... Ele parecia completamente alheio, distante. Nos momentos de isolamento, Arnaldo conversava com a televisão, soltando um: — What? — e deixando todos perplexos. Naquela época, a banda de rock que ele mais idolatrava era o Kiss.

Arnaldo chegou a passar dias no subsolo da casa da Rua Pelotas, nº 497, imerso em uma de suas fases mais turbulentas. Naquele espaço, onde nada era descartável, tudo se transformava em combustível para sua própria sobrevivência. Ele falava um idioma estranho, que às vezes lembrava russo, e acumulava sacos de lixo nos cantos da sala, como se fossem tesouros indispensáveis, recusando-se a removê-los mesmo quando o cheiro se tornava insuportável. Vestia um sobretudo gasto, enquanto velas acesas tremulavam sobre os amplificadores espalhados pelo chão. A vida, em seu estado mais bruto e febril, alimentaria sua arte — e dessa experiência nasceria o conto “O Abrigo”.

“Eu já estava seguindo minha vida, longe dos shows, e nem sabia dessas histórias. Mas quem realmente pode confirmar que aconteceram? Acredito que sim, porque, embora eu não tenha mais contato com alguém que foi um dos meus melhores amigos, minha prioridade era a sobrevivência.

“Fico chocado, mas era assim que as coisas aconteciam para o querido Arnaldo. No fim dos Mutantes — que, para mim, já começava quando a Rita saiu —, mesmo com nós quatro tocando em um nível acima do normal, a presença dela sempre fez falta.” (Dinho Leme)

“Que bom que você encontrou essa informação! Era exatamente esse texto que eu procurava. Achei que nunca mais fosse encontrá-lo. Fico curioso para saber de quem é esse relato.

E, cara, ele parece bem plausível, né? Mesmo tendo um tom um pouco folclórico, algumas informações realmente batem.” (Vítor Nesi)



Na coluna *Let It Rock*, Ezequiel Neves anunciava com entusiasmo: “Arnaldo Baptista, fundador dos Mutantes, agora atende por um novo nome: Billy Cheese. Ele trocou os teclados pela bateria — nada menos que uma imponente Ludwig Silver Sparkle com dois bumbos, para ser mais exato — e está mandando ver completamente sozinho, com solos capazes de

enlouquecer o bairro de Higienópolis." O tom da coluna deixava claro que os vizinhos não estavam exatamente entusiasmados com essa nova fase musical.

Sobre o nome Billy Cheese, Arnaldo explicou: "Foi uma inspiração que juntei do Billy Shears, da canção *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, com o Leslie West, do trio West, Bruce & Laing. O Leslie é meio gordão-de-queijo, e ele canta numa letra: 'meu coração é cheio de cheese e não há lugar para escondê-lo.' Que coisa, né? Gozado..."

Quanto aos Mutantes, Arnaldo foi enfático: "De agora em diante, só toco bateria. Fim de papo."



"Cinco vezes internado injustamente, tudo porque defendi a amplificação valvulada." – Arnaldo Baptista

Pode parecer um disparate para quem não entende, mas, para Arnaldo Baptista, tecladista apaixonado por som e experimentação, a amplificação valvulada era uma questão de vida ou morte musical. Para ele, os amplificadores valvulados não eram apenas um equipamento: eram a alma do som. Eles adicionavam calor e profundidade ao seu teclado, realçando os harmônicos e suavizando as frequências agudas — essenciais para criar o timbre vintage de pianos elétricos (como o Rhodes e o Wurlitzer) e órgãos Hammond.

No palco, Arnaldo usava amplificadores como o Fender Twin Reverb não apenas para amplificar, mas para moldar seu som característico — limpo, brilhante, com headroom abundante. Era uma obsessão que ele cultivava, e que o tornava incansável, tirando a paciência dos mais próximos enquanto defendia o uso desses amplificadores. Ele não pensava na logística, nem no tempo que gastava para construí-los. A ideia de trazer aquele som ao vivo o consumia.

E, como se não bastasse sua relação com os amplificadores, Arnaldo, também um baterista solitário, dedicava-se a treinar em sua bateria de dois bumbos. Explorava manobras complexas e exercícios de técnica, velocidade, independência e precisão. Mas sua polirritmia, que se estendia entre os bumbos, a caixa, o tom e o surdo, de repente cessou.

## Uma quinta-feira triste

Dias depois, em 27 de maio de 1976, o destino golpeou mais uma vez. O pai de Arnaldo, Cláudio e Sérgio, e marido de Clarisse, faleceu em São Paulo, pouco antes de completar 63 anos. Jornalista (autor de uma crônica diária no jornal *O Dia de São Paulo*), escritor, poeta, cantor lírico na juventude, secretário particular de Adhemar de Barros e diretor em uma secretaria de Estado de São Paulo, sempre foi uma figura reverenciada pelos filhos. A perda foi um baque devastador, afastando Arnaldo ainda mais da música. Mas ele voltaria, como sempre, pois sua paixão pela arte e pelo som era maior que tudo.

O grave acidente automobilístico, que resultou em um trauma na cabeça, e a perda de seu pai contribuíram para o desenvolvimento de uma instabilidade emocional e mental, marcada por mudanças profundas em seus pensamentos, comportamentos e relacionamentos. Esses acontecimentos deram início a uma série de eventos que afetariam irreversivelmente sua saúde mental e trajetória artística.

"Quanto a Martha, não tenho muita certeza se a conheci em uma turma que morava perto do Mackenzie ou através de amigos da colônia judaica. Lembro-me de que ela vivia com a família perto da minha casa, acho que na Alameda Jaú, quase na esquina com o Colégio Dante Alighieri. Também não tenho certeza, como já te disse, se



fui eu quem os apresentei. Só sei que frequentemente íamos à casa um do outro, e muitas vezes a Silvia Helena estava conosco.”  
(Zé Brasil)

“Passei quatro anos num ostracismo. Não tinha ninguém, nenhuma mulher. Ninguém me queria. Não tinha amor.” (Arnaldo Baptista)

“O Daniel foi gerado com muito, muito amor. Havia muito amor entre nós, muita vontade de fazer a relação, o casamento dar certo. Mas a vida era difícil naquela época. Eu tinha a sensação de que, naquele momento, ele estava um pouco abandonado pela mídia, pelas gravadoras e pelas pessoas que foram seus amigos durante a época dos Mutantes. Em certo momento, essas pessoas se afastaram do Arnaldo, e isso o deixava muito triste, deprimido.” (Martha Mellinger)

**1976**

**25 AGOSTO**

**Quarta-feira**

Foi na mesma casa da Rua Pelotas, nº 497, na Vila Mariana, que Rita foi detida, acusada de posse de drogas. Ela estava em temporada com o Tutti Frutti no Teatro Aquarius, um dia antes — 24 de agosto de 1976 —, quando os investigadores da Divisão de Entorpecentes do DEIC bateram à sua porta com um mandado de busca e apreensão.

Grávida de dois meses, Rita estava tranquila. Logo que soube da gravidez, havia parado com tudo, até mesmo com os cigarros comuns. Por isso, ao ouvir dos policiais que teriam recebido a denúncia de que havia um quilo de maconha dentro de casa, respondeu com bom humor: “Se vocês tivessem passado aqui uns meses atrás, teriam achado bem mais de um quilo. Mas agora não tem mais nada...”.

Rita acabou autuada em flagrante e levada para o DEIC. Além de um narguilé (uma espécie de cachimbo oriental), os policiais disseram ter

encontrado pontas de cigarros de maconha. Coagida, ela acabou assinando um papel no qual reconhecia ter droga em casa. Depois, foi enviada à Penitenciária Feminina para aguardar o julgamento.



Em uma edição especial de revista dedicada a Rita Lee, é relatado um episódio curioso envolvendo sua prisão. Ao saber do ocorrido, Arnaldo Baptista tentou se juntar a ela de forma inusitada: apresentou-se em uma delegacia portando um enorme cigarro de maconha, com o claro intuito de ser detido. Contudo, os policiais, notando seu estado de confusão, explicaram que, mesmo que fosse preso, ele seria colocado em uma cela masculina, separado de Rita. Sem conseguir compreender completamente a situação, Arnaldo acabou sendo liberado e enviado para casa, sem sofrer maiores consequências.

Rita se assustou ao ver Arnaldo se aproximando das grades da cela, com o olhar perdido.

"De quem é o seu filho?", perguntou ele, ao saber da gravidez.

"Você não conhece...", respondeu Rita, tentando encerrar o assunto.

"Eu posso ser o pai do seu filho, se você quiser... se não tiver ninguém...", insistiu ele, com um tom hesitante.

"Cai fora, Arnaldo! Eu não preciso disso! Meu filho tem pai, sim", retrucou Rita, firme.

Arnaldo permaneceu em silêncio, tentando absorver as palavras. A realidade se impôs: era tarde demais para declarações de amor.

### ★ 1976 - 16 OUTUBRO Sábado

Rita Lee, vestindo um figurino de presidiária, apresenta-se no Teatro Aquarius, dentro do Ginásio do Palmeiras, em São Paulo. Nesse período, Roberto de Carvalho passa a integrar a banda.

1977  
MARÇO

## ARNALDO E A PATRULHA DO ESPAÇO: O ESTRAGO JÁ FOI FEITO

Além da música, novos fatores e dificuldades foram adicionados ao repertório do músico, dificultando ainda mais sua trajetória artística e pessoal.

"Em março de 1977, nos encontramos novamente no dia de assinar o divórcio – ou melhor, o desquite. Vendo meu barrigão de grávida, o juiz ficou nervosinho: 'Absolutamente não, vamos tratar aqui da reconciliação do casal e dessa inocente criança que vai nascer...'. Blá-blá-blá. Em um minuto, expliquei que o filho não era do meu 'marido' e que a nova 'esposa' dele também estava grávida. Ele assinou rapidinho a papelada e nos dispensou", relatou Rita Lee.

O desquite amigável entre Rita Lee e Arnaldo Baptista foi assinado. Talvez tenha sido nesse momento que se deflagrou a diretriz de afastamento em relação a Rita Lee:

"Faz muito tempo que não vejo ou falo com a Rita. Ela me faz mal. Vibrações ruins, para baixo. Não permitem aproximação, porque me faz mal."

Essa restrição se estendeu por quatro anos.

— Não! Nunca o ouvi falando sobre a Rita. (Rolando Castello Júnior)

## Ações impulsivas

“Eu mergulho assim nos negócios e me afundo muito. Eu não consigo administrar praticamente nada. Sou um bobo nesse sentido, perco dinheiro.”  
(Arnaldo Baptista)

Durante esse período de grande turbulência emocional e estresse, Arnaldo vendeu sua casa na Cantareira por Cr\$ 850 mil, valor que, mais tarde, reconheceu estar abaixo do preço de mercado. A venda ocorreu devido à necessidade urgente de recursos financeiros para apoiar sua segunda esposa, grávida. Ao entregar o dinheiro ao gestor dela, a quantia foi considerada insuficiente, e ele foi aconselhado a guardá-lo em uma poupança ou outro investimento.

O episódio gerou um desentendimento que culminou em um ato de agressão, levando Arnaldo a ser internado em uma instituição psiquiátrica no bairro do Jabaquara.

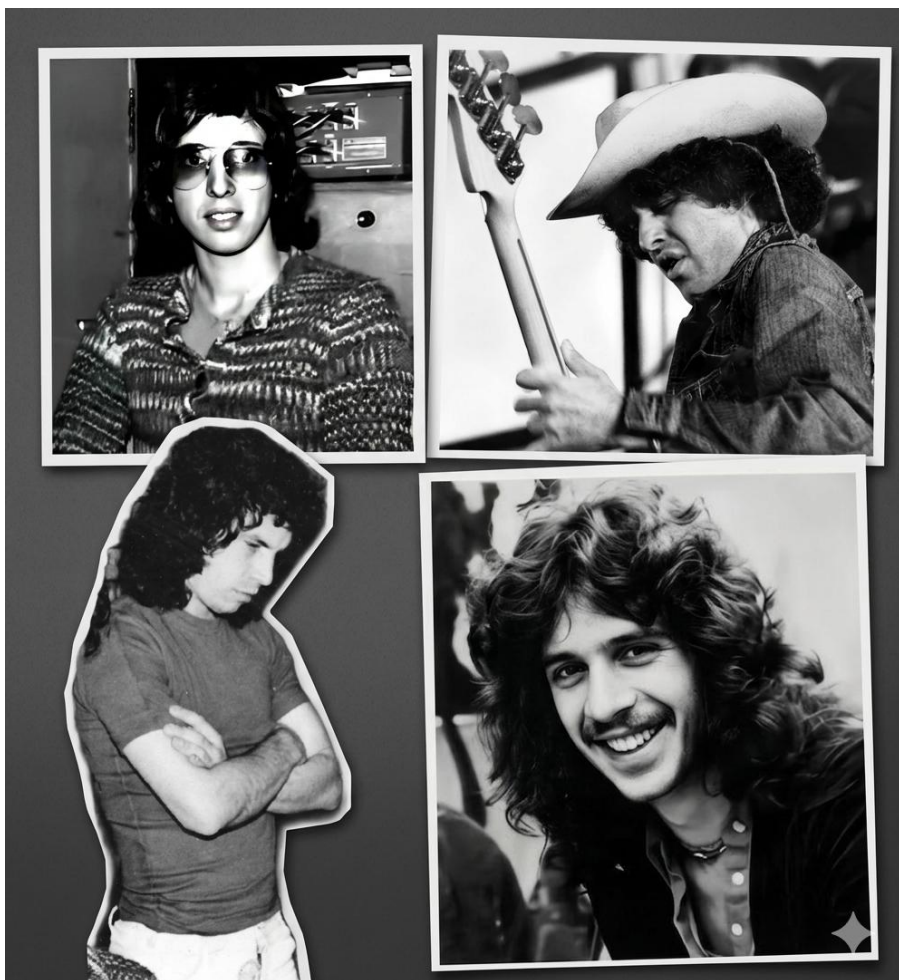
A respeito de sua internação, Arnaldo declarou à crítica Ana Maria Bahiana, em entrevista publicada pelo jornal *O Globo* em 28/04/1978:

“Aí me internaram, porque parece que fiquei uma pessoa violenta. E eu não quero ser uma pessoa violenta. Diziam que eu era, me internaram.”

Em cartas e conversas, Arnaldo utilizava o termo "hospício" em vez de "hospital" e mencionava ter sido transferido do Hospital do Jabaquara para o Hospital Eldorado. Não está claro se isso decorreu de confusão mental ou se as transferências realmente ocorreram. Durante a internação, Arnaldo tornou-se pai. Em um jogo de futebol na instituição, foi agredido por outro paciente, sofrendo um corte no supercílio. Ainda se recuperando, recebeu uma visita que coincidiu com sua alta e com o pedido para assumir formalmente a paternidade do filho.

É importante destacar que o sistema de saúde mental no Brasil da década de 1970 enfrentava críticas severas, incluindo denúncias de práticas inadequadas e desumanas em alguns hospitais psiquiátricos. Esse contexto, aliado à confusão mental e à falta de clareza dos eventos ao seu redor, contribuiu para que Arnaldo fosse rotulado como "lóki" pela mídia e pelo

público. Sua percepção dos fatos merece análise cuidadosa, pois pode refletir tanto uma interpretação emocional quanto traumas que afetam sua memória e cognição.



"Agora estou bem. Cortei as drogas. Tenho um psiquiatra. Tomo uns remédios. Estou bem. Logo que saí de ser internado, comecei a fazer esse grupo, a Space Patrol. Ia chamar assim, mas, por razões de... evolução... não... chama Patrulha do Espaço."

(O Globo, Ana Maria Bahiana, 28/04/1978)

Sua declaração de que havia parado com as drogas e encontrado apoio psiquiátrico indica uma tentativa consciente de reconstrução pessoal.

Apesar das dificuldades, Arnaldo encontrou na música uma forma de superar as adversidades. Arnaldo e a Patrulha do Espaço consolidaram-se como uma das frentes criativas mais importantes de sua carreira, refletindo sua resiliência.



"Júnior, posso estar enganada, mas essa parceria começou quando o Kokinho e o Arnaldo estavam morando na minha casa, no Horto Florestal, enquanto eu fui para Buenos Aires?" (Sonia Padovitte)

"Eu estava tocando com o Aeroblus na Argentina e, antes do lançamento do disco da banda e com o guitarrista Pappo recém-casado, decidi retornar ao Brasil para dar um tempo. Nessa época, o Kokinho me convidou para a banda, e acabei ficando por aqui mesmo." (Rolando Castello Júnior)

"A Space Patrol encerrou suas atividades em 1974, antes do lançamento do disco *Lóki?*. Em 1976, Arnaldo Baptista voltou da América trazendo uma bateria Ludwig com dois bumbos e me convidou para tocar com ele novamente. Naquele período, fazíamos algumas jams juntos, mas eu já havia fundado o Apokalypsis e conhecido Silvia Helena. Nosso amigo guitarrista John Flavin também participava dessas sessões.

(...) "Rolando Castello Júnior, meu amigo e vizinho desde 1973, foi indicado por mim para tocar bateria com Arnaldo. Curiosamente, segundo o próprio Júnior, ele conheceu Arnaldo na minha casa ao ouvir, de seu apartamento, uma versão de 'Blue Suede Shoes' que estávamos tocando. Esse momento pode ser considerado o embrião de Arnaldo Baptista e a Patrulha do Espaço, já que Kokinho estava ensaiando comigo para o show de lançamento do disco *Maytrea e Silvelena*, o que acabou gerando uma interação entre os músicos que formariam essa banda.

(...) “Essa fase inicial é pouco conhecida, mas foi crucial para o surgimento dessa icônica banda do rock brasileiro.”

(Zé Brasil)

Nota: É possível que Zé Brasil tenha apresentado Júnior a Arnaldo em sua casa, mas isso aconteceu em anos anteriores.

Uma pena que, naqueles primeiros dias, eu não costumava datar os recortes. Foi em um deles que li, pela primeira vez, sobre o baterista Rolando Castello Jr., o que despertou minha curiosidade.

★ A polêmica levantada por esse recorte é a ainda não confirmada passagem de Alejandro Medina pelo Som Nosso de Cada Dia. O líder da banda, Pedro Baldanza, mais conhecido como Pedrão, também era contrabaixista. A curiosidade reside na informação de que Alejandro Medina, igualmente contrabaixista, teria integrado o Som Nosso, uma banda reconhecida por ter sido liderada por seu único e inegável baixista, Pedrão, que lutou pela existência do grupo de 1972 a 2019.

Arnaldo reapropriou o nome Space Patrol para seu novo grupo, um nome que surgiu e evoluiu a partir de uma ideia de Raphael Vilarde, ex-guitarrista dos Wooden Faces e autor da música “Não vá se perder por aí” (dos Mutantes). Raphael sonhava em ser “cadete do espaço” na FAB, uma reminiscência do início dos anos 60, quando fazia parte de uma equipe de aerodelismo chamada Equipe Vulcânia, que se reunia no Ibirapuera. Foi a partir dessa inspiração que Arnaldo criou a expressão “Patrulha do Espaço”.

★ “Eu já conhecia o Arnaldo havia muito tempo, mas a ideia de tocarmos juntos surgiu por meio do Kokinho. Inicialmente, a formação incluía o Palhinha na guitarra e o Flávio Pimenta na bateria, mas a parceria não deu certo. Foi então que o Kokinho, determinado a montar a banda, me deu a sugestão: ‘Que tal se juntar à tripulação da Patrulha?’ Claro, aceitei sem hesitar. Quando me juntei à Patrulha, o John Flavin já fazia parte, e ele, Kokinho e Arnaldo tinham todas as músicas prontas e ensaiadas. O nome da banda já estava definido, refletindo a fascinação de Arnaldo por temas como espaço, discos voadores e outros planetas. Aliás, ele já havia usado o nome Patrulha do Espaço antes, como subtítulo da música ‘Honky Tonky’, no LP *Lóki?*” (Rolando Castello Júnior)

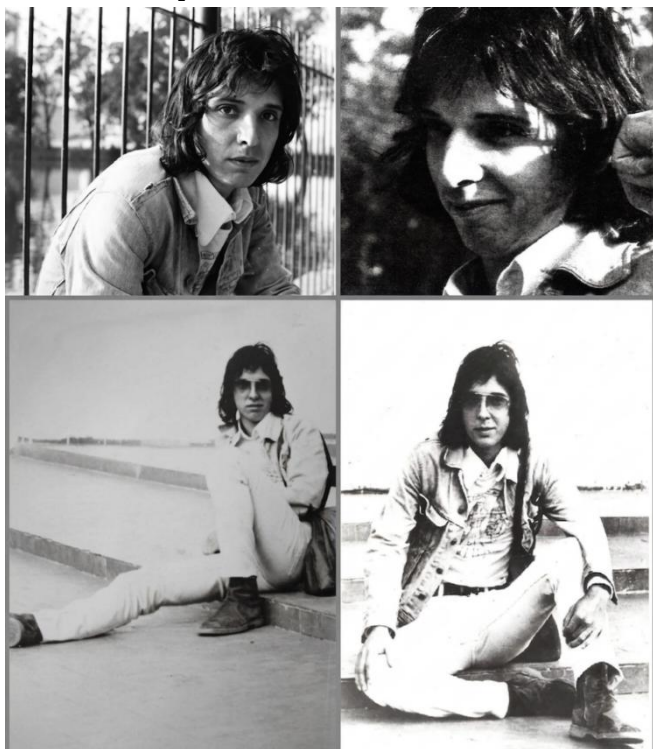
★ “A Patrulha do Espaço era um trabalho mais funk do que os Mutantes. Os Mutantes tinham uma sonoridade mais clássica, mais voltada para a música melodiosa etc. Já a Patrulha do Espaço era mais voltada para o beat, mais rítmica, mais simples, com um som mais pesado, realmente mais heavy.” (Arnaldo Baptista)

O marcante nessa declaração, de fevereiro de 1981, é que Arnaldo separa os Mutantes de sua fase áurea, marcada pelo balanço, ritmo e bom humor. Sua fala reflete a rigidez daqueles dias, evidenciando que o que mais o atormentava era a fase progressista da banda, da qual ele queria se distanciar.

“No meu tempo, não havia esse rótulo de hard ou heavy; existia apenas ‘lenha’, e a Patrulha era ‘lenha’. Nas apresentações, era preciso cantar em um tom tão alto que, após cada show, eu sempre ficava rouco. Nós, músicos, éramos muito bons para o tipo de som que queríamos fazer: blues, The Animals, Mountain, Deep Purple, essas coisas...” (Arnaldo Baptista)

*Fotos:*

*Grace Lagôa*







*Parque da Aclimação, Lagoa dos Gansos: o trio Arnaldo, Rolando e Kokinho observa, à distância, John Flavin. Uma cena que já parecia antecipar a separação iminente.*



Primeira sessão de fotos promocionais da banda, realizada em 1977 no Parque da Aclimação, em São Paulo. Na imagem, da esquerda para a direita: John Flavin, Kokinho, um senhor, outro senhor, Arnaldo e eu. Para ser sincero, não me lembro qual era o objetivo desta foto. O curioso é que nunca a utilizamos, e acredito que esta seja a primeira vez que está sendo publicada. (Rolando Castello Júnior)



Fotos: Grace Lagôa

À esquerda, Júnior; à frente, Martha e Daniel; à direita, Kokinho. Ao fundo, Arnaldo, com Mari Pereira Olinto logo atrás; ao lado dela, Ronaldo, o roadie; e, ao fundo, John Flavin.



***Com pés no chão e amplificadores  
de válvula, Arnaldo Batista  
refaz sua vida e seu  
som: ele será simples,  
saturado e lindo.***



A edição número 32 do *Jornal de Música e Som*, de julho de 1977, publicou a primeira matéria detalhada sobre a nova banda de Arnaldo, Arnaldo e a Patrulha do Espaço. A matéria destaca três principais mudanças: ele estava de volta aos teclados, seu verdadeiro amor, e o nome da banda foi traduzido, com a inclusão de novos músicos.



*Foto: Carlos Hyra*

## **Bem-vindo de volta, Arnaldo Mutante**

Por Nico Pereira de Queiroz

Jornal das Coisas

Minha gente, uma boa notícia: Arnaldo voltou! Arnaldo Dias Baptista, em carne e osso. Tecladista, baterista, baixista, guitarrista, cantor, fundador e ex-integrante do melhor conjunto de rock que o Brasil já teve em tempos muito distantes: os Mutantes.

Arnaldo retorna à vida artística com músicos talentosos e ideias ainda melhores na cabeça. Depois de um longo período de hibernação, longe de tudo e de todos, mas muito próximo de sua mulher, Martha, e agora do filhinho Daniel, um anjo de três meses de idade, ele formou a banda Patrulha do Espaço e está com a corda toda para brilhar.

Na guitarra está John-John, um cara incrível que deixou o Humahuaca para tocar com Arnaldo. No baixo, Kokinho, um músico experiente que percorreu mais estradas do que palcos ao longo da vida. Na bateria, Júnior, que recentemente tocou no Made in Brazil. A banda é pesada e toca para valer!

Os ensaios estão acontecendo diariamente na casa de Arnaldo. A aparelhagem é rudimentar, quase primitiva, com pequenos amplificadores valvulados e caixas de som construídas pelo próprio Arnaldo. “Não quero mais cair no erro dos Mutantes em relação aos equipamentos”, explica ele. “Naquela época, nos preocupávamos mais em adquirir equipamentos novos

e sofisticados do que com a própria música. Quando nos apresentarmos ao vivo, usaremos estes amplificadores que você está vendo aqui. Simplicidade, sem complicações. No melhor estilo do rock de garagem, algo muito próximo do punk rock que está acontecendo lá fora. Se o público pedir mais volume, a gente aumenta até o limite, e o som que sairá dessas caixas será maravilhoso: saturado e distorcido. Aquele som autêntico que costumávamos ouvir há alguns anos nos palcos de rock, direto dos amplificadores para o público, sem passar por aparelhos transistorizados que distorcem a essência do som original dos instrumentos.”

Arnaldo está confiante quanto ao futuro da banda: “Depois de apenas dois meses de ensaios, já temos um repertório de 18 músicas que, acredito, são muito boas. Tem de tudo: rock’n’roll, baladas, blues, um pouco de cada estilo. Não estamos preocupados em conseguir shows, gravações ou aparecer. A única coisa que importa é a música. O resto virá naturalmente.”

Os músicos que estão comigo têm muita experiência; já tocaram muito por aí e não alimentam mais as ilusões ou sonhos de grandeza que destroem tantos grupos que surgem. Estamos com os pés firmes no chão. Nossos sonhos acontecem apenas no campo puramente musical. Chega de esquemas grandiosos ou aparelhagens complicadas e caras. O objetivo da Patrulha do Espaço é sobrevoar todos esses anos de música pop quase industrial, encontrar onde ficou a verdadeira essência do rock’n’roll e revivê-la. É tudo muito simples, e energia é o que não falta.”



— Como você descreveria a diferença entre a energia nos ensaios da Patrulha do Espaço e o resultado final que podemos ouvir no álbum *Elo Perdido*?

— Nos ensaios na Vila Mariana, em São Paulo, tudo era muito tranquilo: chegávamos, ensaiávamos e íamos embora. A banda soava excepcionalmente bem durante esses ensaios, e o que se ouve no álbum de estúdio *Elo Perdido* reflete isso. Na verdade, nos ensaios havia ainda mais energia, porque não estávamos gravando, apenas curtindo o som — algo espetacular e inesquecível. Curiosamente, tocávamos “Jesus, Come Back to Earth” nos ensaios. Apesar do título em inglês, era uma música incrível, realmente muito boa. (Rolando Castello Júnior)



Em agosto, a revista *Pop* estampava o título “Arnaldo volta aos bons tempos” em suas páginas e, em outubro, outra manchete chamava atenção: “Arnaldo ataca de punk rock”. No meio disso, setembro trouxe um verdadeiro banquete antropofágico, iniciado em São Paulo, como uma continuidade do movimento modernista de 1922. Era um fato que mostrava que o país ainda estava longe de chegar à sobremesa cultural, reafirmado pela primeira — e até agora única — feijoada musical com ingredientes roqueiros.

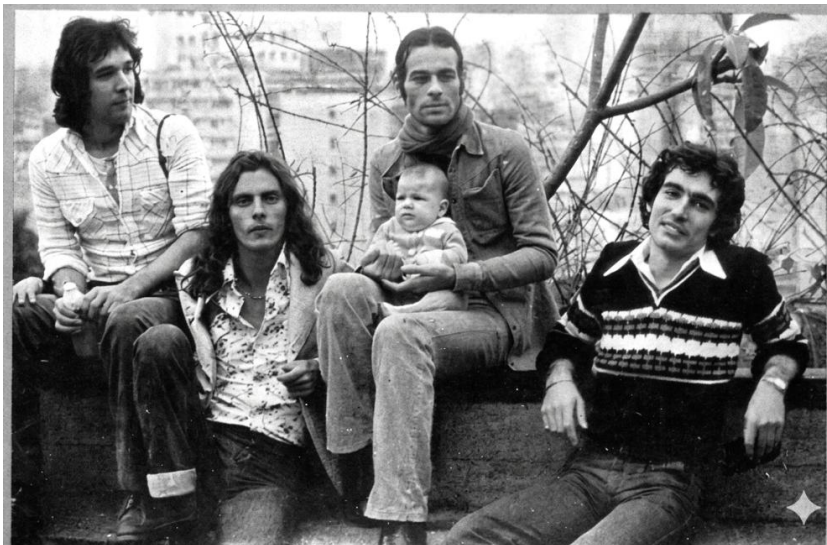
Deliciosa, picante e com temperos fervendo em uma grande panela de barro, o prato foi preparado pelos mestres-cucas elétricos do Joelho de Porco, que receberam os convidados em uma enorme mesa montada no jardim do Museu de Arte de São Paulo, na Avenida Paulista.

Entre os presentes, nomes de peso como Jards Macalé, Ney Matogrosso, Gerson Conrad, Sérgio Magrão, Antonio Bivar, As Frenéticas e John Flavin, guitarrista da Patrulha do Espaço. Arnaldo, ao lado de Martha e do filhinho Daniel Mellinger, também participou do evento. Os três posaram para fotos que marcaram a primeira aparição pública da família nas páginas da revista *Pop*, registrando um momento icônico da cena cultural brasileira.





Feijoada realizada no vão livre do MASP, com a presença de Jards Macalé, Ney Matogrosso, Lidoka d'As Frenéticas, Joelho de Porco, Arnaldo Baptista, John Flavin e muitos outros.



"Uma honra ter participado desta tábola..." (Martha Mellinger) Fotos: Ary Brandi Ribeiro

*Baptista, Magrão e Ney, com Daniel Mellinger no colo, e Gérson Conrad.*

1977

**AGOSTO**  
**Quarta-feira**

**Mixagem da fita que se tornaria o LP *Elo Perdido***

“Lembro-me de Arnaldo comentar, durante uma jam, que estava fazendo um investimento musical. Alguns anos depois, ele ou Kokinho me ligaram para uma espécie de ‘audição’. Fui à noite e achei engraçado encontrar Arnaldo de pijama. Ele me mostrou as músicas que queria trabalhar, e eu topei de imediato.” (John Flavin)

A Patrulha do Espaço foi criada para ser a banda de Arnaldo Baptista?

— “Não, uma banda com o Arnaldo.”

“A primeira formação da Patrulha do Espaço foi idealizada como uma banda coletiva, composta por todos nós. Porém, com o tempo, surgiu uma pressão para que fosse ‘Arnaldo e Nós’. Foi então que decidimos criar duas entidades: Arnaldo e a Patrulha do Espaço. Com essa mudança, começou o afastamento de John.” (Rolando Castello Júnior)

“Na imagem, da esquerda para a direita: Oswaldo Gennari (Kokinho), baixista e responsável pela minha entrada na banda; este que vos escreve; e o incrível John Flavin, que considero um dos melhores guitarristas deste país. Sentado, o genial mestre Arnaldo Baptista.” (Rolando Castello Júnior)

— O John Flavin parece estar bem irritado nessa foto, talvez já demonstrando seu descontentamento?



"Ahahahahah, não acho que ele esteja irritado, e sim concentrado, ouvindo sua magnífica guitarra e a banda." (Rolando Castello Júnior)

"Estamos no Estúdio Vice-Versa, em São Paulo, no ano de 1977, ouvindo as gravações do que, anos depois, se tornaria o disco *Elo Perdido*. A Patrulha do Espaço, em sua formação original, vinha ensaiando havia meses e gravando havia dias. O álbum, que só seria lançado cerca de uma década depois, começava a tomar forma naquele momento." (Rolando Castello Júnior)

"No estúdio, tudo foi uma grande farra, uma experiência deliciosa, porque a banda era incrível. O Júnior era uma fera, e Arnaldo... bom, Arnaldo dispensa comentários. As pessoas ainda subestimam o seu talento como pianista; ele é algo de outro mundo! Um artista maior, sem dúvida. E, para completar, tinha o Kokinho (que Deus o tenha), dono de um coração do tamanho de um bonde.

(...) “Eu usava um Super Reverb Fender antigo, com um som maravilhoso, e minha Les Paul — só isso. A ideia era tocar rock and roll puro, sem playbacks, sem artifícios. Tudo direto, cru e verdadeiro.” (John Flavin)

(...) “Minha saída da banda aconteceu quando recebi uma proposta do Sérgio Sá para tocar no Beco com a banda que acompanharia Vanusa. Eu estava sem dinheiro e precisava pagar as contas. Foi triste partir, mas a vida é assim, do jeito que ela é!” (John Flavin)

“Após um período de ensaios e gravações que resultaram no material do álbum *Elo Perdido*, contando com o talento do grande guitarrista John Flavin, tivemos uma mudança significativa na formação da banda. John decidiu se desligar do grupo e, em seu lugar, convidamos o guitarrista Dudu Chermont para assumir a posição.

(...) “No que diz respeito à questão financeira, pelo que sei, o Arnaldo nunca precisou tirar nada do próprio bolso. Já eu, por outro lado, investi em cartazes e nos custos de frete para transportar os equipamentos da banda.

(...) “Dona Clarisse Leite Dias, mãe dos irmãos Dias Baptista (Cláudio, Arnaldo e Sérgio), cruzou nosso caminho uma ou duas vezes. Em uma delas, sugeriu o nome Arnaldo e a Patrulha do Espaço para a banda. Em outra ocasião, nos acompanhou até a TV Bandeirantes para tentar falar com o dono da emissora e buscar apoio para o grupo.

(...) “Se eu fiquei bravo com a saída do Flavin? De jeito nenhum. Fiquei triste, claro, porque perdemos um baita guitarrista, um dos mais subestimados da história do nosso rock. Mas entendi perfeitamente sua decisão.

(...) “O Arnaldo queria ser patrão, mas não tinha cacife para isso. O John, por sua vez, foi cuidar da vida profissional e ganhar dinheiro, enquanto nós ficamos para segurar a barra da banda e ajudar o ‘lóki’. Além disso, acabei investindo uma boa grana nessa empreitada. Sem contar os custos diários de ir aos ensaios e ainda bancar o Kokinho, que estava quebrado. Também coloquei dinheiro em cartazes e fretes. A bem da verdade, por mais genial que ele fosse, o Arnaldo foi um tremendo ingrato.” (Rolando Castello Júnior)



*Fotos registradas no camarim do Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, momentos antes do primeiro show de Arnaldo e a Patrulha do Espaço. Martha, esposa de Arnaldo; Rolando Castello Jr.; Kokinho; e Arnaldo Baptista, sentado em um canto, em concentração.*



*Magnetismo: O Contrabaixista Kokinho e seu precioso Fender Bass no Primeiro Festival Latino-Americano de Rock, 1977*



*Fotos: Grace Lagôa*

1977

**17 DE SETEMBRO  
AO VIVO**

Arnaldo e a Patrulha do Espaço realizaram seu show de estreia no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo.



*Fotos: Grace Lagôa*

17 de setembro de 1977. Uma sexta-feira especial marcou a estreia de Arnaldo Baptista e a Patrulha do Espaço nos palcos, durante o I Concerto Latino-Americano de Rock, evento que reuniu importantes grupos argentinos e brasileiros. Foi uma noite de energia intensa, com música de excelente nível, apesar dos conhecidos problemas técnicos de som.

O empresário Mário Buonfiglio, após assistir a alguns shows de rock na Argentina, teve a brilhante ideia de trazer bandas como Crucis e Los Desconocidos de Siempre, além do cantor, violero e gaitista León Gieco. Para representar o Brasil, subiram ao palco Arnaldo e a Patrulha do Espaço, O Terço e César Camargo Mariano e Grupo.

O palco foi montado às pressas, apenas um dia antes do show, já que o Ginásio do Ibirapuera havia sediado o Mundial de Vôlei até a véspera. Contudo, as constantes panes na aparelhagem comprometeram o ritmo do festival, afetando o entusiasmo da plateia.

A abertura ficou a cargo de Arnaldo Baptista e a Patrulha do Espaço, que enfrentaram sérios problemas causados pela má regulagem da mesa de som, operada por um músico paulista inexperiente, que não dominava o equipamento e cometeu erros graves. Mesmo com a presença do técnico responsável, o perfeccionismo de Arnaldo acabou frustrando as maiores expectativas do público, que aguardava ansioso sua performance.

Apesar dos contratemplos, Arnaldo e sua banda foram muito aplaudidos, deixando claro o potencial de seu som único e a qualidade de suas composições. Como escreveu Nico Pereira de Queiroz:

"De qualquer maneira, Arnaldo foi muito aplaudido e deixou a certeza de possuir um som realmente bom e músicas de primeira qualidade."

★

### **Zé Brasil, Crucis (Argentina), Patrulha do Espaço**

Com o Crucis, foi em 1977, durante o Concerto Latino-Americano de Rock no Ginásio do Ibirapuera. Passamos ótimos momentos juntos, especialmente com o saudoso baterista Gonzalo Farrugia. Chegamos a tocar algumas músicas na minha casa, pois eles também curtiram o Apokalypsis. Foi também a estreia de Arnaldo e a Patrulha do Espaço, e eu tentei ser o "técnico de som" deles no evento, mas acabei pagando o maior mico, especialmente quando o P.A. ficou mudo por causa de um curto na tomada das potências Giannini. Fui detonado até pelos meus amigos, como Luiz Carlini e meu parceiro Nico Pereira de Queiroz, que escreveu na revista *Pop* me criticando (com razão) e, por amizade, omitiu meu nome. Também havia

uma banda com um nome que adorei: Los Desconocidos de Siempre. Que anos 70 incríveis!

Quanto à Patrulha, redimi-me com eles quando fui "stage manager" na abertura do Van Halen, tempos depois, no mesmo local. Já sem o Arnaldo, e com Rolando Castello Júnior, Serginho Santana e Dudu Chermont tocando com os Univox e Duovox, na frente da cortina fechada dos americanos. Foi o "rock do cruzeiro contra o dólar", segundo Júnior. Um dos maiores arrependimentos da minha vida foi ter jogado fora a credencial "backstage", com a imagem de um leão, que eu tinha desse show. Mas valeu, principalmente pelos elogios que os músicos do Van Halen fizeram a mim, ao lado do palco, enquanto assistiam à apresentação dos brasileiros.

Cosas de la vida, babe...

"O primeiro show ao vivo da nossa banda no Ginásio do Ibirapuera foi uma experiência bem desagradável. Estava lotado, com cerca de 12 mil pessoas, e fomos a última banda a fazer o som, já que seríamos a primeira a tocar. Durante a passagem de som, tudo estava perfeito, mas, quando começou o show, o Zé Brasil, músico amigo do Arnaldo e da banda, pediu para operar a mesa de som. No entanto, acho que a grande falha não foi dele, mas sim do equipamento, porque, na época, o pessoal era muito despreparado. Não sei como, mas conectaram 30 potências a uma única tomada. No meio da apresentação, a tomada estourou e ficamos parados por uns 10 ou 15 minutos – a coisa mais frustrante que vivemos. Apesar disso, seguimos em frente e terminamos o show, mesmo com outros imprevistos surgindo durante o evento no Ginásio. Não foi uma estreia ideal, mas, de alguma forma, foi legal!

(...) "Entre a formação da banda e os primeiros shows, ficamos ensaiando por uns dois meses e meio. John Flavin, sempre querendo ganhar dinheiro de qualquer maneira, como músico profissional acostumado a acompanhar grandes cantores, surgiu com uma oportunidade de fazer shows com a Vanusa. Como a grana era boa, ele queria ficar na Patrulha e tocar com ela. Nós dissemos: 'Não, bicho, você tem que escolher: ou fica com a gente ou com ela.' E ele optou por tocar com a Vanusa.

(...) “Os ensaios aconteciam em um clima muito bom, extremamente agradável. Ensaivamos todos os dias na casa do Arnaldo, na Vila Mariana, em São Paulo. As músicas eram compostas pelo Arnaldo, e nós fazíamos os arranjos juntos. Ele não exigia nada de nós, porque confiava no nosso trabalho, e realmente éramos um conjunto — não havia essa de dar ordens. O clima era bem legal.

(...) “Nosso esquema era muito profissional e funcionava bem. Tínhamos roadies, equipamento de som e, quando não usávamos o nosso próprio, alugávamos da Transasom, que, na época, tinha um ótimo equipamento. Queríamos uma boa produção, mas não uma superprodução, já que não era o que se fazia na época. Nossos primeiros shows foram no Ginásio do Ibirapuera, para 12 mil pessoas, depois em Belo Horizonte, Campinas e no Ginásio do Palmeiras. Os quatro primeiros shows contaram com uma excelente produção de Mário Buonfiglio. Mas, na verdade, Arnaldo era quem menos exigia em termos de produção. Para ele, tocaríamos em qualquer lugar, com qualquer equipamento — o que ele queria mesmo era tocar rock’n’roll. E, por incrível que pareça, éramos nós, a banda, que éramos mais exigentes do que ele.”

(Rolando Castello Júnior)

### ★ Pegadinhas?

Como parte de uma estratégia de marketing para impulsionar a agenda de shows, Rolando Castello Jr. trouxe o primeiro LP do Made in Brazil, no qual gravou a bateria, e pediu a Arnaldo que pegasse alguns exemplares dos discos em que participou, como *Lóki?* ou algum dos Mutantes, para mostrar aos produtores que a banda tinha reconhecimento e experiência. Minutos depois, Arnaldo voltou segurando dois LPs de Jethro Tull e Led Zeppelin. Arnaldo aparentemente havia entendido que Júnior queria apenas pegar LPs emprestados. Incrédulo, Júnior franziu a testa, pensando: "Isso só pode ser brincadeira."

“— Ahahahahahahah! Exatamente como eu falei! Sim, íamos para Santos tentar vender a banda, e conseguimos, mesmo com o Arnaldo fazendo e falando asneiras.” (Rolando Castello Júnior)



*Foto: Sandra Adams*

**1977**

## **OUTUBRO**

Em outra ocasião, na mesma época, mas sem os integrantes da banda, Arnaldo, ao atender conhecidos na beira do portão, simulava ir buscar a chave dentro de casa, mas nunca retornava. Após esperar por um tempo, os visitantes acabavam desistindo e iam embora.

★ Curiosamente, conforme registrado no livro *A Divina Comédia dos Mutantes*, Sérgio Dias tentou sondar Arnaldo para um possível retorno aos Mutantes. Porém, encontrou o irmão mais deprimido e alucinado do que antes. Dessa vez, Arnaldo tinha uma justificativa para recusar: estava tocando com sua nova banda, Arnaldo e a Patrulha do Espaço, ao lado de Dudu Chermont (guitarra), Kokinho (contrabaixo) e Rolando Castello Jr. (bateria).

**9**

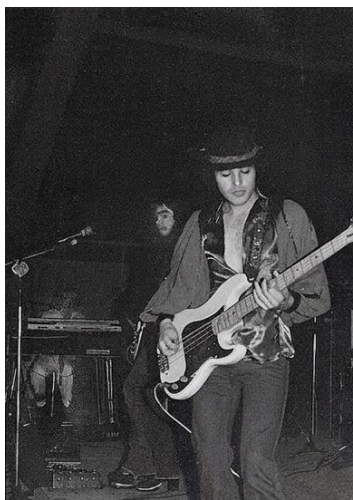
## **OUTUBRO**

Ginásio do Palmeiras

Primeira apresentação no Ginásio do Palmeiras, sucedendo a estreia no I Concerto Latino-Americano de Rock.

A recusa de Arnaldo em retornar aos Mutantes demonstra sua determinação em seguir um novo caminho com a Patrulha do Espaço, consolidando um período de autonomia criativa e independência emocional.

*Fotos: A. C. Barbieri*



**OUTUBRO**

Quarta-feira

Arnaldo e a Patrulha do Espaço posaram em frente à casa de Arnaldo, localizada na Vila Mariana, um bairro tradicional e acolhedor de São Paulo. Era ali, na Rua Sena Madureira, que Arnaldo vivia com Martha e o filho Daniel, além de ser o local onde ocorriam os ensaios da banda, no coração da zona sul da cidade.

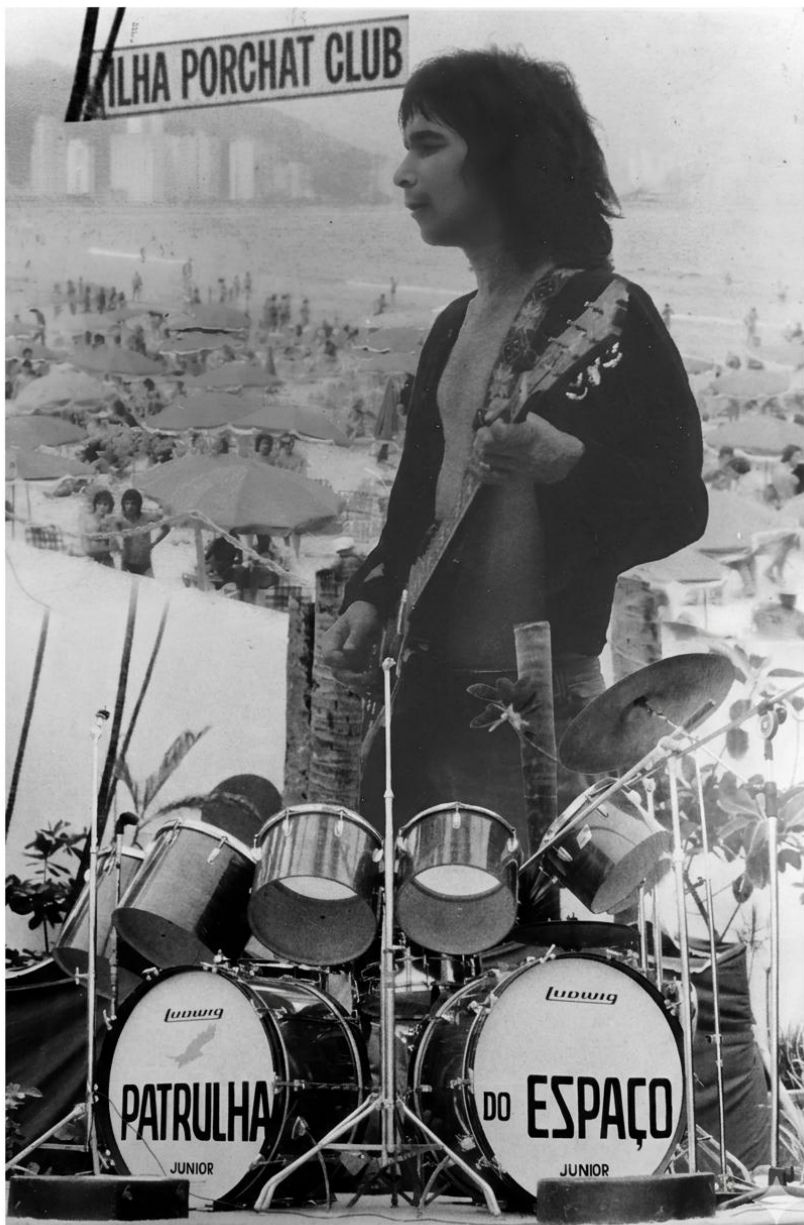
*Fotos: Grace Lagôa*

"Nos quatro primeiros shows, assim como no do I Festival Latino-Americano de Rock, o piano de parede esteve presente. Era um instrumento de Arnaldo. Mas, um dia, os roadies se revoltaram e se recusaram a baixar o piano do caminhão, porque o Arnaldo não o usava nos shows. E, para ser sincero, nem faria sentido usá-lo, pois, quando você transporta um piano, ele tende a desafinar, e seria necessário um afinador em cada local, mais um delírio. O empresário era o Mário Buonfiglio, um grande profissional no sentido de trabalhar duro e fazer muito pelos seus contratados. Mas, um dia, ele deu um basta na relação com o Arnaldo e com a banda."

(Rolando Castello Júnior) ★

Fim de ano. Na passagem, Arnaldo, vestindo um estiloso "executivo descontraído", e Martha decidem aproveitar a noite na Papagaio Disco Clube, a discoteca frequentada por boa parte da cena roqueira paulistana. Após algum tempo no salão, resolveram se retirar para tomar uma bebida, mas logo acabaram se agarrando para escapar dos flashes e da insistência dos amigos. Saíram mais cedo do que planejaram, em busca da tranquilidade do lar, refugiando-se daquela música barulhenta e exaustiva.





*Fotos: Gegé Godoy*

1978

14

**JANEIRO**

**Sábado**

**Clube Ilha Porchat, São Vicente!**

## **ARNALDO E A PATRULHA DO ESPAÇO: MEMÓRIA PERTURBADORA**

“Até pouco tempo atrás, eu não sabia da existência desta foto, que foi tirada no dia 14 de janeiro de 1978, um sábado, no Clube Ilha Porchat. A foto chegou até mim via correio, em um pacote com uma caixa cheia de fotos que minha amiga Grace Lagôa me enviou, incluindo fotos dela e da querida Gegé Godoy. Não sei qual das duas tirou essa foto, mas, quando a vi, depois de tantas décadas, meu coração bateu mais forte.

(...) “Eu amava essa bateria, a comprei nos EUA, e foi toda uma aventura trazê-la para o Brasil. Depois, ela foi para a Argentina, onde a usei pela primeira vez com o Aeroblus. Com ela, gravei os quatro primeiros discos da Patrulha do Espaço; foram centenas de ensaios e shows, milhares de quilômetros rodados, e com ela tive muitos prazeres e alegrias. Foi com ela que levei o feijão com arroz para casa.

(...) “Portanto, quando vi essa foto pela primeira vez, não vi apenas uma imagem, mas uma boa parte da minha vida passando diante dos meus olhos. O que me intrigava nessa foto eram duas coisas no chão, em frente aos bumbos. Demorei um tempo para perceber que eram as tampas de dois cases de toms. Entendi, então, pela ausência de alguns pratos e pela proximidade das tampas com a bateria, que ela estava prestes a ser desmontada e guardada pelos roadies. Não sei por que uma das duas queridas amigas tirou essa foto, mas minha gratidão é eterna por terem registrado, para a posteridade, essa minha paixão, minha razão de viver.

(...) “Sempre vou te amar, minha querida bateria Ludwig.

(...) “Desfeito o mistério: clique de Gegé Godoy.” (Rolando Castello Júnior)



## Memória Perturbadora

"Na noite anterior, fizemos um evento no salão do clube e, no dia seguinte, teríamos outro ao ar livre, na praia. Arnaldo passou a noite na areia, acompanhado por Lalo, guitarrista e futuro marido da cantora e musa Wanderléa. Após dormir na praia, ele apareceu no palco vestindo um casaco de pele. Eu havia conseguido um apartamento enorme emprestado, bem em frente à praia, mas a personalidade dele tinha que ser a do 'Lóki', né?" (Rolando Castello Júnior)

O Clube Ilha Porchat está situado na Praia de São Vicente, em São Vicente, no litoral de São Paulo, e oferece uma vista deslumbrante para a Baía de Santos. É um dos tradicionais pontos de lazer da região, mas não são as belezas naturais que vêm à mente do baterista Júnior quando lembra daquele lugar. Ele revive um episódio que, se não fosse trágico, poderia ser cômico (e esse clichê se encaixa perfeitamente aqui).

Arnaldo e a banda haviam combinado iniciar a apresentação, diante de um imenso público na praia, com a enérgica "Sexy Sua". No entanto, como aconteceu em outras apresentações, Arnaldo apareceu de última hora, visivelmente desleixado. Porém, desta vez, ele ultrapassou os limites. Em vez de começar com a vigorosa música planejada, resolveu fazer uma interpretação pessoal da sonhadora "Fique Aqui Comigo".

Era impossível dissociar o artista de sua natureza sonhadora. A banda, no entanto, ficou indignada e, em um momento de frustração, silenciou os instrumentos, interrompendo os acordes de "Sexy Sua" para ouvir o pungente

apelo de Arnaldo. Para os meninos da banda, isso era apenas mais uma das excentricidades do líder, que, embora não fosse supremo, dominava completamente o rumo dos acontecimentos.

Rolando Castello Jr., baterista de pulso firme, ainda era jovem, mas longe de ser sonhador. Vinha de uma experiência recente com a banda Made in Brazil, que não fora das mais honestas. Tinha tocado no México, conhecido Nova York e gravado na Argentina. Hoje, ele reconhece que teria sido mais rentável ter permanecido nessas localidades durante sua juventude.

Júnior foi contratado por uma empresa internacional, a RCA Victor, e se orgulhava de ter recebido holerites dessa multinacional. Na Argentina, ele recebia telex empolgados de Ezequiel Neves, pedindo seu retorno ao Made in Brazil. Júnior ainda guarda essa comunicação.

Era natural que ele discordasse de certos rumos da banda; afinal, foi a interferência externa que levou John Flavin a abandonar a formação. Júnior possuía mais experiência profissional do que Kokinho e Dudu para analisar os caminhos das turnês e as situações que surgiam.

Quando Lalo Califórnia, um guitarrista chileno radicado em São Paulo, se aproximou repentinamente, não era preciso ser um gênio para perceber que ele tinha interesse na banda. Júnior não hesitou e manteve sua ideia de um único guitarrista na formação.

Pelas primeiras vezes, suas falas não censuradas oferecem uma visão privilegiada da banda, mostrando tanto os momentos de glória quanto os percalços. As declarações de Júnior não podem ser consideradas como “fogo amigo”, tampouco distorcidas — se o fossem, eu não as usaria. Sem censura e sem trechos no vermelho, é isso que você lê aqui.

Nos anos seguintes, a situação da Patrulha do Espaço se tornaria tensa e "pesada". Economicamente, a situação familiar estava difícil, e as relações conjugais estavam em guerra. Com a banda na estrada por tantos anos, as "explosões" conjugais tornaram-se comuns, o que fez com que o ambiente nem sempre fosse muito bom.

Assim, este é o relato que nos acompanha, revelando a forte personalidade de Júnior, que manteve a Patrulha do Espaço na estrada até os dias de hoje, 2024!



### **A Atual Formação da Patrulha do Espaço**

A trajetória de Arnaldo Baptista nesse período é marcada por perdas, transformações e momentos de resiliência. Seu legado, tanto no trabalho solo quanto com a Patrulha do Espaço, transcende as adversidades que enfrentou, revelando um artista complexo, vulnerável e, acima de tudo, humano.

Após várias formações instáveis, Arnaldo Baptista parece ter encontrado a tripulação ideal para a sua Patrulha do Espaço. A banda, um dos poucos conjuntos de rock pesado da época, é fruto de um trabalho desenvolvido ao longo de mais de três anos entre Arnaldo e o contrabaixista Oswaldo “Kokinho”, quando o grupo ainda se chamava Space Patrol.

No contrabaixo, Oswaldo “Kokinho”, que iniciou sua carreira em um supergrupo com Manito, Dinho e Prandini, fundou o Neblina e participou do Banho de Lua (de Lúcia Turnbull). O baterista Júnior, vindo do trio pesado Aço, traz consigo uma ampla experiência adquirida no México com o trio Tarântula. Ele também gravou o primeiro disco do Made in Brazil e outro na Argentina com o grupo Aeroblus, onde se apresentou com o lendário guitarrista Pappo. Dudu Chermont, por sua vez, teve passagens pelos grupos Santa Fé e Made in Brazil.

Arnaldo é o responsável por todas as músicas e letras da Patrulha. O grupo gravou uma fita com 13 músicas no Estúdio Vice-Versa, produzida por Rogério Duprat — uma das mais importantes produções dessa fase da banda (vale destacar a importância dessa gravação com as 13 músicas!).

Recentemente, a banda incluiu em seu repertório a música “O Meu Barato”, de Guilherme Lamounier, imortalizada na voz de Cornelius & Santa Fé.

Ficção científica e punk são duas influências de Arnaldo. A primeira é antiga, exemplificada por sua admiração pelo filme *Star Wars* e por uma nova música que será lançada em compacto, intitulada:

*Nave que viaja ao centro das terras*

*Hinos para o Céu, portas abertas...*

Para Arnaldo, “tudo faz parte de uma espiral que começa com os Beatles, passa por Elton John e hoje está no punk. Ou seja, começou com a simplicidade dos amplificadores Vox, da bateria não amplificada; foi para o exagero acústico e visual de Elton e retorna ao despojamento do punk.”

A Patrulha do Espaço utiliza um equipamento compacto. Quando se apresentam, alugam o P.A. de Tadeu, do Sindicato, que costuma oferecer um preço especial para músicos. Também trabalham com a Arlen, que fornece alto-falantes e divisores de frequência. Os integrantes do grupo têm uma opinião formada sobre as empresas especializadas em aluguel de equipamentos: “Cobram muito caro; é um verdadeiro abuso o que fazem!”

Os instrumentos da Patrulha do Espaço são: Arnaldo — Hohner Clavinet e piano Schneider de armário, ambos plugados em um Palmer modificado e passando por um mixer Giannini. Para os shows, aluga um Elka Strings. Oswaldo Kokinho — contrabaixo Fender Precision e um Thunder Sound. Dudu — guitarra Gibson SG, modelo '58, e um amplificador True Reverber. Júnior — bateria Ludwig Octaplus, com seis pratos, oito tons e dois bumbos de 24 polegadas. As caixas de som são construídas pelo próprio grupo, com alto-falantes Arlen.

O modelo Gibson SG '58 é uma reedição da SG, fazendo referência às primeiras versões da guitarra lançadas pela Gibson, com características semelhantes às dos modelos da década de 1950. Embora a Gibson SG tenha sido oficialmente lançada em 1961, a reedição do '58 visa capturar o estilo e a essência das guitarras dessa época. O modelo apresenta corpo em mogno, captadores PAF (ou versões modernas com timbre clássico), acabamento “Cherry” ou “Heritage Cherry” e um braço fino e confortável, inspirado nos primeiros designs. Embora não seja uma réplica exata de 1958, a SG '58 oferece uma experiência próxima à das primeiras guitarras Gibson.

Embora o grupo tenha feito poucos shows, alguns se destacam, como o Primeiro Concerto Latino-Americano de Rock, realizado em São Paulo, no Ibirapuera e no Ginásio do Palmeiras, além de apresentações em Belo Horizonte, Campinas, Itanhaém, Osasco, no Clube Ilha Porchat (em São Vicente, SP) e, em breve, em Santo André.

★ Era como um sonho: em Osasco, Arnaldo e a Patrulha do Espaço subiram ao palco do antigo Teatro Expressão. Arnaldo teve a companhia especial de sua mãe, cuja presença tornava o momento ainda mais memorável.

★ O excêntrico e carismático Guilherme Araújo, renomado produtor cultural e empresário de diversos artistas, desempenhou um papel crucial na organização de shows, gravações e estratégias de carreira, sendo peça-chave na concepção e divulgação do Tropicalismo.

Naquela noite de expectativas, ele era o convidado especial, a figura central de um jantar planejado com a Patrulha do Espaço. Contudo, a tão aguardada reunião jamais aconteceu. Guilherme não telefonou, não apareceu e tampouco apresentou qualquer justificativa. O clima, que antes era de entusiasmo, rapidamente desmoronou. O astral ficou tão pesado que nem mesmo a sobremesa foi servida.

Apesar da decepção, a jornada continuaria reservando novos desafios e capítulos por vir.

“As portas estavam fechadas para Arnaldo. Com ele, fizemos uma peregrinação por diversas gravadoras e empresários importantes, mas todos, sem exceção, ignoraram o som da banda e, creio que, por terem uma imagem negativa do passado recente de Arnaldo, não quiseram se envolver conosco”, relembra Castelo Júnior. “Foi uma grande covardia, pois julgaram o homem, e não a obra. Todos caíram soberanamente sobre isso; falharam como amigos e como profissionais, com Arnaldo e, evidentemente, com a Patrulha do Espaço.”

Segundo o baterista, esse momento de “mancadas generalizadas” foi conturbado, e Arnaldo “se refugiava cada vez mais em sua persona”.

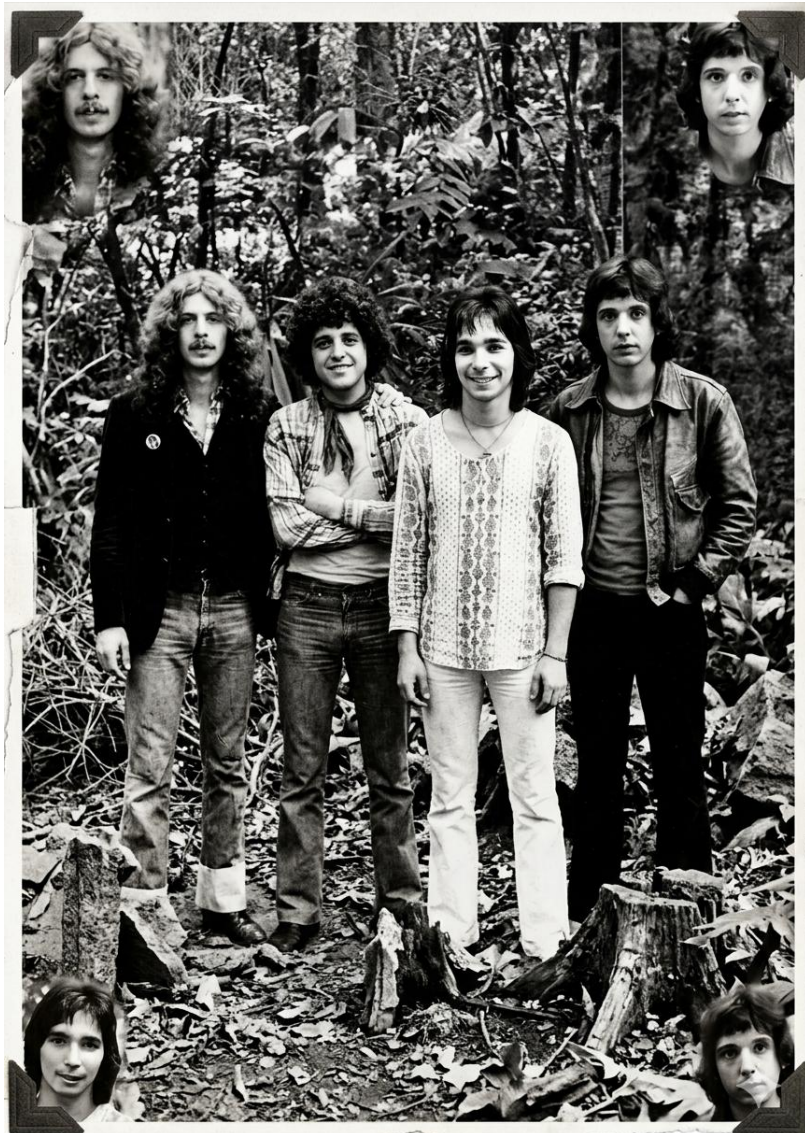
GRACE LAGOA

# PATRULHA DO ESPAÇO NO PARQUE TRIANON



SÃO PAULO, 1978. ☆

*Fotos: Grace Lagôa*





Fotos: Grace Lagoa



1978

20

**MARÇO**

**Segunda-feira**

Filipeta de Arnaldo e a Patrulha do Espaço, março de 1978. Este foi o primeiro show que fizemos sem empresário ou produtor; nós mesmos produzimos tudo — na verdade, mais eu e o Kokinho. A arte dessa filipeta foi criada por um tal de Aurichio, e a impressão foi feita em papel-jornal, o mais barato que havia na época.

(Rolando Castello Júnior)

*Foto: Grace Lagôa*

*Patrulha do Espaço, backstage, Teatro 13 de Maio, São Paulo.*





*Fotos: Grace Lagóa*





1978

03

**ABRIL**

Segunda-feira

Teatro 13 de Maio, São Paulo *Fotos: Grace Lagôa*





Foto: *Grace Lagôa*

Foto: *Marcio Lambais*



1978

13

ABRIL

Quinta-feira

Teatro 13 de Maio, São Paulo

Fotos: *Marcio Lambais*





Fotos: *Marcio Lambais*



1978  
28  
**ABRIL**  
Sexta-feira

**Arnaldo Baptista: — Rock eu gosto porque é meu sangue. É minha vida desde que nasci.**

Em uma entrevista histórica concedida à jornalista Ana Maria Bahiana e publicada no jornal *O Globo*, na sexta-feira, dia 28/04/1978, Arnaldo fez grandes desabafos e relatos.

Sobre Rita Lee:

“Quando eu ouvia a Rita, gostava. Não ouço nem vejo a Rita há muito tempo. Me faz muito mal. Más vibrações. Para baixo. Martha não deixa, porque me faz mal. Os Mutantes do Sérgio, eu operei para eles uma vez. O Sérgio vem tocar aqui com a gente no domingo, dar uma força.”

Em um dos momentos mais lindos do texto, Ana Maria relata:

“Subitamente pede licença, vai correndo ao palco cuidar, pessoalmente, das ligações elétricas de seu teclado Hohner. Se é possível ter certeza de algo, de uma coisa sei: ele não está brincando de pirado. Todo o seu corpo, todo o seu rosto está empenhado numa batalha surda e intensa, digna, que não tem nada a ver com as possíveis fantasias de sua ex ou atual plateia. Agachado atrás dos amplificadores, metodicamente checando fios e plugs, sobranceiras cerradas, ele não parece um herói: está lutando por sua vida. Com todas as forças.”

O cenário do Teatro Tereza Rachel, em abril de 1978, com Arnaldo Baptista e a Patrulha do Espaço, retrata bem os desafios da produção musical da época. O palco, iluminado por luzes simples, estava montado com as grandes caixas da aparelhagem lendária dos Mutantes — uma visão que

prometia uma noite memorável. No entanto, a falta de cabos e conexões essenciais para ligar o equipamento criou uma tensão no ar.

Arnaldo, conhecido tanto por sua genialidade quanto por sua resiliência, trabalhou junto com a equipe técnica e os membros da banda para resolver o problema. O guitarrista Sérgio Dias, irmão de Arnaldo, também estava presente, pronto para contribuir com seu talento em um momento especial de reencontro musical.

A noite começou atrasada, mas, quando finalmente os cabos foram providenciados e tudo ficou pronto, a música ecoou pelo teatro como se nada tivesse acontecido. O público, que aguardava ansioso, foi recompensado com uma apresentação inesquecível, marcada pelas novas experimentações dessa formação ideal, que durou apenas uma noite.

O episódio, apesar de caótico, é um reflexo da paixão e da improvisação que marcaram aquela era do rock brasileiro. A energia crua e o talento dos artistas superaram qualquer empecilho técnico, deixando na memória coletiva uma apresentação icônica.

“Foi no Rio de Janeiro, no Teatro Tereza Rachel. Não lembro exatamente o que tocamos com o Serginho; eram as músicas da banda. Ele entrou e tocou junto, mas não me recordo quais foram. O que realmente lembro são várias histórias e aventuras dessas apresentações no Rio – cara, foram experiências máximas, pelo menos para mim.”  
(Rolando Castello Júnior)



## **Memórias de Adalberto Barboza**

Quando assisti ao show de Arnaldo Baptista e a Patrulha do Espaço, em 1978, no Teatro Tereza Rachel, em Copacabana, Rio de Janeiro, houve um momento marcante no meio da apresentação. Arnaldo comentou que havia assistido a um show dos Rolling Stones em 1969 e que, no ano seguinte, em 1970, fez uma viagem de moto pelos Estados Unidos.

Sérgio Dias deveria ter tocado durante toda a temporada, mas eu só fui no último dia — justamente quando ele subiu ao palco. Ele tocou com uma Fender amarela com alavanca e fez uma apresentação incrível.

Um amigo que me acompanhou registrou tudo em fotos, mas perdi contato com ele anos depois, quando se converteu e se desfez de tudo que tinha relação com o rock.

Havia cerca de 20 pessoas na plateia. No final do show, Sérgio Dias apareceu e tocou... de costas para o público.



### Câmera da Época da Patrulha do Espaço

Arnaldo e a Patrulha, ensaiando em São Paulo, na Oca da Rua Augusta. Arnaldo de costas com seu Clavinet Hohner; Kokinho (Precision) e Dudu nos vocais de apoio, sendo que Dudu segura a lendária Gibson SG — uma verdadeira obra-prima da guitarra — que ele acabou destruindo no show do Teatro Pixinguinha.

“Lembro-me de ter ajudado a ajustar essa SG. Infelizmente, ele acabou quebrando a guitarra durante um show no Teatro Pixinguinha.”

(Naná Fernandez)

O Clavinet Hohner é um instrumento eletromecânico popular nos anos 1970, amplamente usado no funk, rock, soul e jazz. Ele produz som por

cordas metálicas vibrantes captadas magneticamente, combinando características de teclado e guitarra elétrica.

Conhecido pelo som percussivo e “funky”, o modelo icônico Hohner Clavinet D6 foi usado por artistas como Stevie Wonder e Led Zeppelin. Apesar de sua popularidade ter diminuído, ainda é valorizado por seu som único, com réplicas digitais tentando recriar sua essência.

“Dudu destruiu a Gibson SG, mas é importante entender o contexto. Esse show foi um marco na história da Patrulha. Estávamos enfrentando grandes desafios na estrada, especialmente após a saída do Arnaldo. Naquela época, nosso único espaço eram os teatros, geralmente às segundas-feiras, e conseguir uma data no Teatro Pixinguinha foi uma verdadeira batalha, já que lá só se tocava MPB. Conquistamos uma data difícil, uma segunda-feira, e convidamos a banda Lírio de Vidro para abrir o show. Dividimos o custo dos cartazes de rua, o que foi uma fortuna para a época. A Patrulha estava apreensiva, pois o Teatro Pixinguinha tinha capacidade para quase 1000 pessoas, e a pressão era grande.”

(...) “Naquela ocasião, Walter Baillot, ex-guitarrista do Joelho de Porco, fazia parte da banda, e convidamos o Manito para uma participação especial no saxofone. Como de costume, alugamos o P.A. do Tadeu, da banda Sindicato, além de parte do equipamento do Made in Brazil. Para nossa sorte, o teatro estava lotado naquela segunda-feira, o que representou uma grande conquista para a Patrulha e para o rock pesado brasileiro. Foi a recompensa merecida, fruto de muito trabalho, dedicação e estrada em prol do rock nacional.

(...) “Mas o pior não foi o Dudu ter feito um Pete Townshend na guitarra, emocionando-se demais com o som e a galera. O pior é que ele quebrou a guitarra: o braço se separou do corpo. E essa guitarra era solid body! Ele simplesmente a lançou para o público. Não deu para tentar consertá-la ou aproveitá-la de alguma forma. Ou seja, na terça-feira, a Patrulha do Espaço não tinha guitarra para tocar. Dudu passou um tempo tocando com a Les Paul do Celso Vecchione, até que conseguiu comprar uma Stratocaster na

Leimar por um preço de ouro. Ah, aqueles eram os dias...” (Rolando Castello Júnior)

Teatro São Pedro, São Paulo, 1978.

14  
**MAIO**  
**Domingo**



“Ahahaha, outra foto de show de que gosto muito, principalmente pelo clima que ela transmite. Nesta, também não apareço de frente – apenas de costas –, mas o ambiente no palco é incrível! O grande Arnaldo no piano, enquanto Kokinho e Dudu compartilham o microfone em uma cena que não poderia ser mais ‘Beatles’.”

**Ahahaha 2**

“E olha só, o Eduardo Depose também está presente nesta foto, de certa forma! A Les Paul no case,

ali ao lado do piano, é dele, assim como o Twin Reverb que o Dudu está usando.”

(...) “Twin Reverb é um amplificador icônico da marca Fender. Ele é amplamente conhecido por seu som limpo e cristalino, sendo muito popular entre guitarristas de diversos estilos musicais.”

(...) “Imagina! Eu nem lembrava disso! Acho que, naquela mesma noite, meu pai ficou doente, e tive que voltar para Buenos Aires. Por isso, acabei não gravando o disco do Made (Pauliceia Desvairada). Quem gravou, no final, foi o Nacho. Puta saudade, Júnior!”

(Eduardo Depose)

Arnaldo chegou atrasado ao show e fez sua entrada no palco dançando?

Nos dias 12, 13 e 14 de maio, Arnaldo e a Patrulha do Espaço realizaram suas melhores apresentações no extinto Teatro São Pedro, registrando os shows em fita.

Teatro São Pedro, ao vivo! Simplesmente! Júnior na bateria; no duelo de guitarras, Dudu Chermont e John Flavin; com Kokinho no contrabaixo, em “Um Pouco Assustador...”.

“As fitas do *Faremos Uma Noitada Excelente...* estão aqui ao meu lado neste exato momento. Um dia as ouviremos. Você tem um gravador de rolo? Elas estão guardadas ao meu lado, algumas dentro e outras em cima do armário, junto com outras fitas. Eu teria que procurar, mas, se você conseguir um Akai 4000 DS, podemos ouvir juntos um dia.

Nessas fitas, você vai escutar o Arnaldo soltando várias pérolas, inclusive coisas absolutamente inéditas. Há momentos ótimos! Mas nada de estúdio, porque sempre há o risco de alguém copiar. Isso precisa ser algo reservado, feito de forma discreta, só entre amigos — só a diretoria. Afinal, as besteiras ditas ali não são para qualquer ouvido.

O que temos aqui é um registro cru, um grito visceral do mais puro rock'n'roll. Essa cambada de ignorantes não faz ideia do que é rock de verdade. Então, arrume um gravador de rolo e marcamos uma audição. Vai ser divertido, mas só para nós, é claro.

Se estivéssemos em um país decente, essas fitas valeriam uma fortuna. Aqui, não valem nada. Nem os cupins se interessam.” (Rolando Castello Júnior)

“Este cartaz da rifa, do Arnaldo e a Patrulha do Espaço, parte do primeiro prêmio da mesma, tem uma história própria e, pelo seu tempo de existência, já são 45 anos desde sua confecção e uso. Como ele foi preservado por tanto tempo é uma ótima pergunta! Encontrei-o recentemente ao mexer nos guardados antigos da Patrulha. Ignorava que ainda o tinha, porque, pela importância da data, eu o teria emoldurado no lugar daquele que emoldurei há duas décadas e que agora publico aqui.

(...) “A história desse cartaz da rifa é a seguinte: ele foi feito para ser colado nas ruas. Nós mesmos, da Patrulha, colávamos nas madrugadas paulistanas. Fazíamos a cola e lá íamos nós, para o centro, zonas sul, leste, oeste, norte e ABC. Era um trabalho desgastante, e o pior é que, se na noite anterior colávamos uns 200 cartazes, no dia seguinte, nos tapumes, havia menos da metade, porque os coladores profissionais colavam em cima dos nossos sem piedade.

(...) “O grande lance desses cartazes é que foram feitos em silk screen. Não me recordo do nome do artista, mas era uma tela imensa, e, como o fotolito naquela época era caríssimo, o cara fazia o desenho no filme com um estilete. Era um baita trampo, e o cara era um artista e tanto.

(...) “Depois, tínhamos que comprar o papel, a tinta e imprimir os cartazes. Precisávamos de um lugar grande, porque a tinta precisava secar, e não dava para colocar um cartaz em cima do outro. Como o artista era universitário, fazíamos isso numa república, que ficava em um casarão próximo ao Bixiga. No quintal, estendíamos cordas para pendurar os cartazes para secarem. Era um trampo do caramba! Nós, os roadies e a galera da faculdade fazíamos a função que levava a noite inteira.

(...) “Pensando nisso hoje em dia, jamais faria isso de novo. Era uma insanidade — dignificante, mas estúpida — pelo fato de que os coladores profissionais colavam em cima dos nossos. A realidade é que foi assim que se construiu o rock por aqui naquela época: sem gravadoras, rádios, TV e o tal do jabá, dos quais as bandas do BRock desfrutaram depois de nós.” (Rolando Castello Júnior)



### *Os últimos espetáculos.*

Em uma conversa com Rolando Castello Jr., perguntei sobre a saída de Arnaldo da banda.

Júnior, com seu estilo característico, contou que, em um dia sem aviso prévio, Arnaldo apareceu no ensaio, visivelmente paranoico, e declarou:

"— Eu estou fora! Vocês fumam demais!"

"Havia uma diferença entre tocar ao vivo e em estúdio. No começo, com John Flavin, os ensaios eram ótimos, e a banda soava muito bem. A gravação foi feita ao vivo no estúdio, sem playback, e o que se ouve é uma mixagem simples, um *rough mix*. Até aí, tudo estava indo bem, mas,

quando o Dudu entrou, as coisas começaram a se complicar. Não foi culpa dele, mas surgiram outras questões. O John trazia equilíbrio para o Arnaldo, mas nossas diferenças de estilo e ritmo começaram a afetar a dinâmica. O Arnaldo, na época casado e preocupado com questões pessoais, era difícil de lidar. No início, estava tudo bem, mas, depois, o ego e outras questões começaram a afetar o grupo. A pressão da família dele, especialmente da mãe, querendo uma hierarquia na banda, também pesou. O objetivo era ser Patrulha do Espaço, e não Arnaldo e a Patrulha, como acabou sendo. Quando ele saiu, a separação foi amigável. Ficamos um período sem nos falar, mas, com o passar dos anos, as coisas mudaram, e hoje somos grandes amigos.

(...) “Havia shows agendados para poucos dias após a saída do Arnaldo, no Ginásio de Esportes de Sorocaba e no Clube Ituano, em Itu. Ensaíamos intensamente e realizamos esses shows com a participação de Percy Weiss nos vocais.

(...) “A situação do Arnaldo foi marcada por desinformação. A família dele nunca falou sobre seus problemas de saúde mental, e nós, jovens músicos envolvidos com a vida de estrada, não sabíamos disso. No início, estávamos todos comprometidos e profissionais, com empresário, ensaiando todos os dias na casa dele. Porém, depois de tocar conosco, o Arnaldo não se cercou de bons músicos; ao contrário, passou a se associar a pessoas que não eram qualificadas — algo que um músico profissional nunca faria.

(...) “Em relação a outros músicos e situações, não há comparação com a Patrulha do Espaço. O que alguns tentam apresentar como parte da história dele é, na verdade, uma grande idiotice. Martha quem? Ignorar essas pessoas é o melhor que se pode fazer por Arnaldo.” (Rolando Castello Júnior, baterista e produtor).

Arnaldo compartilhou sua visão sobre o momento em que se encontrava: "Vocês me pegaram numa época de transição, um período em que estou repensando tudo. Comecei a frequentar o curso de música da FAAP e, embora o tempo tenha sido curto, já deu para perceber algo muito importante. Existem várias formas de trabalhar a música, e a academia coloca tudo no

mesmo nível. Não adianta eu ter gravado sete discos e ignorar isso. Estou estudando lá e aprendendo coisas novas."

Ele também lamentava a pobreza do rock nacional, destacando a falta de estrutura em todos os níveis — técnico, empresarial, financeiro, entre outros.

"Faltam recursos", diz ele.

Vindo de uma experiência pouco comercial com a Patrulha do Espaço, Arnaldo contou:

"Durante um ano, preguei cartazes nas cidades onde íamos tocar, dirigi nossa kombi, trabalhando de forma autossuficiente, caindo no underground, sem qualquer divulgação maior ou apoio da indústria fonográfica. Segurei essa barra acreditando na missão de preservar certos valores do rock, mas meu relacionamento com o grupo estava cada vez mais se tornando uma espécie de briga musical. Nada disso me agradava."

**Arnaldo e  
Patrulha do Espaço**

---

**EM CONCERTO**

**JUNIOR: bateria — COQUINHO: baixo  
DUDU: guitarra**

**DIAS 12 - 13 - 14 - MAIO 78**  
**Sexta - Sábado - Domingo**  
**AS 21,00 HORAS**

**Teatro São Pedro**

---

**Rua Albuquerque Lins, 171 - B. Funda**  
**Preço Único Cr\$ 30,00**

Promoção: Secret. de Cult., Cienc. e Tecnol. do Governo do Estado de São Paulo

Distribuição Interna

No palco, o show tinha duas partes distintas, como se fosse o show de Arnaldo e o show da Patrulha do Espaço.

As apresentações de Arnaldo e a Patrulha do Espaço foram muito concorridas e chegaram a registrar fitas de estúdio e ao vivo, que tinham tudo para ser lançadas, mas acabaram sendo distribuídas em poucas cópias de fita cassete, nas mãos de alguns privilegiados que conseguiram obtê-las por meio de programas de rádio (como o Kaleidoscópio, de Jacques, na Rádio América) e das apresentações ao vivo.

Arnaldo afirmou que procurava fazer um rock o mais distante possível do jazz. O trabalho da Patrulha foi realmente diferente, voltado para uma "elite", como ele mesmo disse: "porque eu queria fazer um trabalho realmente underground".

Ele pretendia gerar no Brasil "uma preocupação" por parte das gravadoras com o que estava sendo feito nas margens, pois acreditava que esse era o único meio de criar um mercado para o verdadeiro rock nacional.



1978

31

MAIO

Quarta-feira

### **Mutantes e Arnaldo Baptista: O Revival**

— Olha o que o Arnaldo fazia nos shows dos Mutantes! (Sérgio Dias)

No Ibirapuera, em plena era das calças boca de sino e camisetas Hang Ten, os Mutantes resgatavam o repertório de sua fase inicial, com Arnaldo Baptista de volta, criando apresentações quase mágicas. Este CDr captura uma rara performance ao vivo de Arnaldo ao piano acústico. Além de interpretar faixas do lendário álbum *Lóki?*, Arnaldo, Sérgio Dias e Betina recriam, de forma sublime, a emblemática "Balada do Louco".

Esse show seria o bônus ideal para uma reedição especial de *Lóki?*. Que esse desejo se torne realidade...

Durante a apresentação no Palácio do Anhembi, uma agressão verbal isolada beira a demência, e outro espectador responde:

"— Cala a boca."

O CDr traz uma raríssima gravação ao vivo de Arnaldo Baptista ao piano acústico, na qual ele brilha com sua luz própria. É a luta secular entre artista e público — a superação. Seus temas elétricos, agora reinterpretados de forma acústica. Além da execução das peças do clássico *Lóki?*,

*Foto: Marcio Lambais*



Em seguida, os suaves acordes de "Balada do Louco" ecoam, com Sérgio Dias solando na craviola. Betina e Arnaldo, em um dueto que mistura tons caipiras com leveza jazzística, transformam o instrumental em algo próximo da improvisação, elevando o momento a um novo patamar. Bem que essa apresentação poderia vir como um CD bônus no relançamento de *Lóki*?. Que o sonho se realize...

Foi uma resistência oportuna à moda disco e ao punk, mas, infelizmente, os Mutantes não conseguiram levar adiante — ao menos em discos — a ideia de unir seu virtuosismo aos acordes conhecidos da música brasileira. Em estágios posteriores, os roqueiros seguiram o caminho das estrelas da MPB.

Arnaldo anunciou sua volta aos Mutantes, com shows pelo interior e a gravação de um novo LP:

"Gosto muito de tocar com o Sérgio. Ele é um virtuoso, eu sou um romântico. Ele toca em pé, eu sentado. A gente se complementa."

No entanto, Sérgio, consultado pela revista *Pop*, desmentiu a volta de Arnaldo aos Mutantes e começou a gravar um LP solo pela CBS, que seria lançado, marcando o fim definitivo dos Mutantes em 1979. Paralelamente, Sérgio trabalharia como músico de estúdio, sendo requisitado por diversos artistas, como Chico Batera, Tavito, Oswaldo Montenegro e Guilherme Arantes.



### **Arnaldo e seu Conjunto**

Após o encerramento do grupo Arnaldo e a Patrulha do Espaço e sua breve, mas marcante, participação no revival ao vivo dos Mutantes, Arnaldo Baptista decidiu focar em sua carreira solo. Assumiu os teclados no projeto Arnaldo e seu Conjunto, de vida efêmera — mais uma experiência musical que contava com sua esposa nos vocais e Cláudio Pierre Deleu na guitarra. O conceito do projeto girava em torno de criar "um som universal".

"Cláudio Pierre Deleu é um guitarrista incrível, simplesmente fenomenal. Tive a oportunidade de

tocar muito com ele. Para ser honesto, acho que o Claudinho foi o último músico realmente decente com quem o Arnaldo trabalhou, e acredito que isso não tenha durado muito. Conheço bem o Claudinho, e ele provavelmente não suportou por muito tempo toda a confusão.

(...) “Toquei inúmeras vezes com o Claudinho, só eu e ele. Ele já era um prodígio na guitarra. Tenho até uma fita dessas sessões. Mais tarde, ele tocou comigo em uma banda sem nome, que deve ter sido por volta de 1973, talvez. Já nos anos 1990, contratei-o para uma turnê de workshops por 10 cidades, junto com o Kokinho. Além disso, levei-o para tocar durante uma semana na Expo Music, no estande da Fender, Zildjian, Remo, entre outros. Não consigo precisar o ano exato, mas foi uma experiência memorável.” (Rolando Castello Júnior)

### **Live Days Baptista**

Primeiro foi o guitarrista John Flavin que deixou a banda. Em seguida, o empresário Mario Buonfiglio cortou relações com o grupo. Agora, o líder e mentor Arnaldo Baptista lançava-se à solidão — ou talvez à liberdade.

Essas mudanças significativas marcaram o início de uma trajetória que se estenderia por quase cinco décadas de existência da Patrulha do Espaço. A partir daquele momento, o foco parecia mudar: não era mais sobre quem estava no palco, mas sobre quem carregaria o legado da "nave". A banda, que antes era "Arnaldo e a Patrulha do Espaço", passaria a ser conhecida simplesmente como "Patrulha do Espaço", consolidando uma nova identidade em sua jornada.

Após nove meses de apresentações ao vivo, Júnior descreve essa fase como uma gestação — ou, talvez, um aborto? A dúvida paira sobre a história da música. Durante a abertura de sua participação em um show dos Mutantes, antes da primeira música, Arnaldo Baptista anunciou, de forma breve e direta, que estava deixando a Patrulha do Espaço. Esse comunicado oficial marcou o fim de sua colaboração, e não haveria novas participações no futuro.

Arnaldo continuava rompido com seu irmão mais velho, Cláudio César Dias Baptista. Naquele momento, parecia ter-se encerrado o embate entre defensores dos amplificadores valvulados e transistorizados. Ainda assim, o

tão aguardado álbum dos Mutantes com Arnaldo de volta aos estúdios da Som Livre nunca se concretizou. Da mesma forma, a especulada reintrodução de Arnaldo como produtor, citada em coluna de Nelson Motta no jornal *O Globo*, não se realizou.

★ *Rock-Blues* foi o título do delicioso som que o incrível Arnaldo Dias Baptista nos apresentou no Teatro Igreja, em São Paulo. Durante duas horas, Arnaldo nos fez viajar no tempo, tocando Beatles, Bob Dylan e Elton John, misturados com várias de suas próprias canções, como "Um... Dois... Três... Oh! Trem", "Sunshine", "Emergindo da Ciência", "Sanguinho Novo" e até músicas da época dos Mutantes.

"Gostaria de saber se existe algum registro fotográfico de um show simples realizado em 1978 no Teatro Igreja, um espaço que, curiosamente, havia sido uma igreja de verdade, localizado no Bixiga. Na época, um grande cartaz foi colado pelas ruas, ladeiras e até nos pilares do Minhocão, em São Paulo, anunciando algo como: *O Retorno de Arnaldo Baptista*. No mesmo cartaz, aparecia também o nome da minha banda, *Satanic Ópera-Rock*, que fez a abertura do evento. Nosso show era uma encenação teatral com inspiração no universo dos vampiros, contando ainda com a participação especial de convidados que se juntaram à banda." (Jasper Sol)

1978

25

**NOVEMBRO**

**Sábado**

Sob o título *Arnaldo e Grupo*, formou-se uma banda que explorava sonoridades variadas, com Arnaldo Baptista nos teclados, violão e vocal; Martha Mellinger na flauta, percussão e vocal; Zeca Lennert na bateria e percussão; Leandro no contrabaixo e violoncelo; e Carlinhos Vieira na guitarra e vocal. Em novembro de 1978, *Arnaldo e Grupo* estreiam suas novas músicas em apresentações ao vivo, ao mesmo tempo em que a Patrulha do Espaço, agora com Percy Weiss nos vocais, também iniciava sua nova fase, apresentando composições próprias e uma presença de palco mais forte.

## **Sino de Ouro em Pescoço de Jumentos: A Inusitada Aparição de Arnaldo Dias Baptista em Araras (SP)!**

Wenilton Luís Daltro

Na distante data de 25 de novembro de 1978, o célebre e polêmico cantor Arnaldo Dias Baptista — o “Loki” — ex-integrante da lendária banda Os Mutantes, iria, de forma inédita, se apresentar em Araras, em um novo show montado após deixar a banda Patrulha do Espaço. Os responsáveis por sua inusitada aparição na então cidade de Araras eram os organizadores da faculdade Uniararas — na época conhecida como FRESA (Fundação Regional de Ensino Superior) —, que estava prestes a inaugurar suas novas instalações.

Acontece que os infelizes alunos da faculdade fizeram uma divulgação pífia do show: imprimiram um folderzinho vagabundo em mimeógrafo e o distribuíram em alguns pontos da cidade. E, para piorar a falta de respeito com o grande astro, marcaram seu show no mesmo dia em que a Associação Atlética Ararense realizaria um concurso de danças discoteca — a “onda disco” estava no auge.

Resultado: por pouco não houve mais pessoas no palco do que fãs na plateia, com cerca de 20 privilegiadas pessoas no raro show, enquanto na A.A.A. a noite bombava. Eu era adolescente na época e me recordo de que colocamos 20 cadeiras em forma de meia-lua em frente ao palco e ali nos desbundamos com um belo e especialíssimo show a cargo do Loki, acompanhado de uma grande banda e com um repertório incrível!

Arnaldo fez o show sem ressentimentos, mas disseram, depois, que ele havia chorado nos bastidores, de tristeza e frustração. Mas a culpa não era dele, e sim dos alunos da faculdade e desse povo alienado e ingrato da cidade, bem como da então odiada onda disco, execrada com ódio mortal pelos roqueiros de todo o país na época.

Como eu — mesmo jovem e não tão culto — estava ciente do “momento histórico” desse especialíssimo show em terras canavieiras, tive o cuidado de guardar, em meu precioso baú, um exemplar desse raríssimo folder, que documenta esse malfadado dia em que Araras cometeu essa heresia contra um dos grandes astros do rock brasileiro.

É por isso que sempre digo, quando me recordo desse inesquecível dia: a aparição do Loki em Araras foi — para usar uma expressão minha — um sino de ouro no pescoço de jumentos (com todo o respeito aos autênticos jumentos).

Mas os jumentos, obviamente, não foram os 20 privilegiados que curtiram o grande show, mas sim os maria-vai-com-as-outras que foram se embriagar no embalo de sábado à noite na pista da A.A.A.



### **O vocalista Percy Weiss ao se juntar à Patrulha do Espaço**

“Cheguei com minhas caixas 4560, meu power e meu Shure 565... e minha imensa vontade de cantar...”  
(Percy Weiss)

A Patrulha seguiu em turnê pelo interior paulista e chegou a Curitiba (PR) e Florianópolis (SC), consolidando essa nova fase com energia renovada. Enquanto isso, Arnaldo trabalhou em um repertório de 16 faixas para o espetáculo *Em Concerto*, que trouxe composições novas e revisitou músicas clássicas de seu álbum *Lóki?*, além de incluir canções da Patrulha do Espaço.

Quase 38% do show foi dedicado ao repertório da Patrulha do Espaço. Um momento marcante foi sua performance solo com violão em “É Fácil”. No entanto, essa fase emblemática acabou sem registros conhecidos, com baixa adesão do público e arrecadação insuficiente, agravando o endividamento de Arnaldo. A falta de empresário, a pouca divulgação e a ausência de discos no mercado contribuíram para o desgaste.

Essa decepção parece ter sido o ponto de partida para uma nova fase em sua carreira, levando Arnaldo a subir a Serra das Araras em sua Kombi, rumo ao Rio de Janeiro, em busca de um novo recomeço musical.

## ARNALDO E A PATRULHA DO ESPAÇO (1977-78)

### ADIÓS, BRUXOS: UM POUCO ASSUSTADOR — DEIXE O GRANDE IRMÃO SE AFOGAR NA PIA

*Nave que viaja ao centro das terras*

*Hinos para o Céu, portas abertas*

*O signo vê a verdade*

*Que, em breves momentos,*

*Estarei entre o Céu e a Terra*

(Arnaldo Baptista)

O fragmento da letra inédita trata de uma jornada espiritual ou existencial, com ênfase na busca por uma verdade transcendente. O uso de metáforas como "nave", "hinos para o Céu" e "portas abertas" indica um movimento em direção a algo superior ou divino. A ideia de estar "entre o Céu e a Terra" sugere um estado intermediário de transformação, em que o eu lírico está à beira de uma experiência profunda de revelação e transcendência. A estrofe, portanto, reflete a busca por compreensão espiritual e a união entre o material e o espiritual.

Jesus Cristo foi crucificado aos 33; Robert Johnson, aos 27, envenenado; Alan Wilson acampou pela última vez aos 27; Jimi Hendrix, revolucionário, aos 27; Janis Joplin, a dramática cantora, aos 27; Jim Morrison, o icônico poeta, tinha 27; Syd Barrett lançou seu último álbum aos 24; Robert Wyatt, baterista paraplégico, aos 27; Paul Kossoff, o guitarrista, tinha apenas 25; Bon Scott, de álcool, aos 33; Ian Curtis, aos 23 anos, tirou a própria vida antes de a banda pisar na América; John Bonham, a lenda da bateria, aos 32, de álcool; John Lennon, assassinado aos 40; Randy Rhoads, o virtuoso guitarrista, aos 25; Jean-Michel Basquiat, o renomado artista plástico, faleceu aos 27 anos, devido a uma overdose; Kurt Cobain tirou a própria vida aos 27; Amy Winehouse, aos 27, de álcool.

No Brasil, os gênios também morrem precocemente: Torquato Neto só tinha 27 quando se imortalizou; Glauber Rocha tinha 42; Arnaldo Baptista sobreviveu após voar aos 33; Marco Antônio Araújo e Renato Russo só tinham 36.

Entre 1976 e 1979, é impossível saber quantas vezes Arnaldo Baptista navegou entre os extremos da dor e da transcendência. Após sofrer um acidente de carro nos Estados Unidos, retornou ao Brasil...

Naquele período, o Brasil foi marcado por uma luta fervorosa pela transição para a democracia, contra a ditadura e pela anistia aos presos políticos que haviam sido torturados. Nesse momento de turbulência pessoal e psicológica, trocou as pílulas de Orange Sunshine por ansiolíticos — medicamentos que devem ser prescritos por um médico, pois o uso inadequado pode causar efeitos colaterais e interações com outros fármacos. Durante um período de reclusão, perdeu o pai e, após o desquite, recomeçou a vida, casando-se novamente e tornando-se pai pela única vez. Depois de mais uma internação, Arnaldo voltou à sua produção artística, dessa vez com a Patrulha do Espaço.

Em 1977, com a Patrulha do Espaço, na companhia de Kokinho (contrabaixo), Júnior (bateria) e John Flavin (guitarra), Arnaldo vivenciou quatro meses de intensos ensaios, entre maio e agosto, culminando na gravação de 13 faixas em estúdio. Menos de um mês antes de uma grande apresentação, em setembro — que reuniria bandas e artistas do Cone Sul —, a Patrulha do Espaço sofreu a perda de seu guitarrista, substituído por Dudu Chermont. Ainda assim, a apresentação ocorreu de maneira tumultuada, devido a problemas técnicos na regulação da mesa de som.

Com a formação — Arnaldo (composições, teclados e voz), Kokinho (contrabaixo), Rolando Castello Jr. (bateria) e Dudu Chermont (guitarra) —, de setembro de 1977 a maio de 1978, Arnaldo e a Patrulha do Espaço realizaram apresentações constantes, como uma gestação criativa. No entanto, ao final desse período, Arnaldo decidiu deixar o grupo. A exaustão emocional e o desgaste de sua saúde mental tornaram insustentável sua permanência na banda, levando-o a essa difícil decisão.

Em 1979, Arnaldo assinou o processo legal de separação judicial. Nos anos seguintes, embora tenha participado de breves projetos e criado trilhas

sonoras ao piano para teatro experimental, sua produção artística foi marcada por uma série de limitações. Apenas cinco canções inéditas foram registradas:

### 1. "Cacilda":

*Verdes campos e eu correndo*

*Só ao encontro dos problemas*

*Pirações que vão embora*

*Nessa estrada já trilhada*

*Há um lugar em que eu vivo*

*Só com os sinos*

*Da vereda tropical*

*Mas sei que um dia eu vou*

*De foguete até a lua*

*Não me esquecerei de você*

*Pois ainda te amo, meu bem*

*Cacilda, Cacilda*

*Te encontro atrás de uma palmeira*

*Verdes campos e eu correndo...*

"Cacilda" introduz um contraste emocional, indicando que, mesmo cercado por um ambiente idealizado, o eu lírico não consegue fugir de seus desafios internos. Já a "estrada já trilhada" remete a um caminho familiar,

possivelmente marcado por experiências recorrentes – imagem que pode transmitir tanto segurança quanto exaustão, dependendo da perspectiva.

O lugar descrito surge como uma metáfora simbólica e íntima, talvez representando o estado mental ou emocional do eu lírico. Os "sinos" e a "vereda tropical" sugerem um cenário sereno e quase espiritual, mas também permeado de solidão, reforçando a atmosfera de introspecção e isolamento.

## 2. “Ciborg”:

*Numa cápsula que deflagra todo o medo de explodir*

*Na espiral da elipse curta do abismo material*

*E, no beijo estupendo, o que estou a fazer aqui?*

A estrofe combina medo existencial e busca por transcendência, com metáforas que evocam movimento, perigo e conflito interno em um cenário futurista. A pergunta final, "o que estou a fazer aqui?", reforça o dilema humano e filosófico, condensando os temas centrais da letra de forma poderosa.

## 3. “Onda da Morte”:

*É... o imenso gozo dos titãs*

*De aço e cabos de meadas infundáveis*

*De crianças tristes*

*Risos que soam depois do fim*

*E eu nem sei que fim levou o meu*

*Risos...*

Essa estrofe parece explorar o contraste entre forças grandiosas e impessoais (titãs de aço, meadas infundáveis) e a vulnerabilidade humana (crianças tristes, risos). É um retrato de um mundo mecanizado e desconectado, onde o eu lírico luta para encontrar seu lugar e significado. A presença de risos, tanto tardios quanto enigmáticos, adiciona uma camada de complexidade, sugerindo uma tentativa de resistência ou aceitação diante do absurdo da existência. Uma reflexão sobre sua própria jornada ou destino.

#### **4. “Tacape”:**

*Sentada em seda pura*

*Dá vontade de matar*

*Só por seu amor*

*Esqueço às vezes de Deus*

*Que rola em sua cama*

*E se apoia com vagar*

Essa estrofe se destaca por sua intensidade emocional e pela dualidade entre o amor, o desejo e a violência. Essa passagem combina imagens poderosas e contrastantes: a delicadeza da seda, o impulso visceral de "matar por amor," e a ideia quase blasfema de esquecer Deus diante de uma paixão avassaladora. Ela encapsula o conflito entre o sublime e o terreno, o desejo e a espiritualidade, temas universais que ecoam com força.

#### **5. “Ai Garupa”:**

Ai Garupa!

Deixa eu gostar de você

Se o momento já se foi

Eu ainda não acabei

Se me agrupo

Deixa eu gostar de você

Eu tenho medo eu cuspo em tudo

Só não cuspo no chão e no violão

A estrofe retrata a luta interna entre o desejo de conexão e a resistência causada pelo medo, equilibrando fragilidade emocional e um pedido de aceitação. O gesto de "cuspir em tudo, só não no chão e no violão" simboliza revolta e respeito pela música, condensando temas de medo, desejo e busca por sentido.

Juntas com as faixas “Singin’ Alone”:

*Tô' cansado de fazer amor*

*Com autômatos*

*Já que você*

*Roubou meu coração*

*Você robot*

*Isaac Asimov*

*Programo prum' programa de amor*

*Comigo*

A estrofe explora a desconexão emocional em uma sociedade automatizada, com referências a Isaac Asimov, conectando o amor à tecnologia. O contraste entre o desejo de um amor genuíno e a experiência com autômatos destaca a solidão e o anseio por uma conexão verdadeira, abordando temas de alienação e busca por amor autêntico.

E “Um Dia Eu Pensei” (provavelmente uma variação de “Imagino”):

*Eu só sei que vou sentir*

*Sem orelhas ou nariz*

*Ser amado sem ter sexo*

*Ser feliz como ninguém*

*Minha procura continua*

*Numa' enorme evolução*

A estrofe explora a transcendência e evolução além das limitações físicas, sugerindo uma busca por felicidade emocional e espiritual. A ausência de referências corporais e o amor sem sexo simbolizam a busca por uma forma de amor mais puro. A "enorme evolução" destaca a continuidade da busca por algo além da morte, centralizando o tema de transformação e transcendência.

“Singin’ Alone” e “Um Dia Eu Pensei”, do repertório da Patrulha, completam um painel inquietante de fusão entre poesia e rock, que poderia facilmente integrar qualquer greatest hits ou antologia dos gêneros musicais e literários.

E se os planos não tivessem sido interrompidos? O pianista Arnaldo provavelmente teria desfilado no teclado, com convicção, na execução de “semifusas confusas”, que exigem uma agilidade ímpar, tocadas em passagens rápidas e virtuosísticas, demandando uma técnica refinada para garantir clareza. Como seriam os novos arranjos acústicos, belos e sonoros, para as baladas que pediram um grupo de cordas sob a regência do maestro Duprat? Como Arnaldo, em uma época marcada pela tecnologia moderna, utilizaria pedais para criar efeitos sonoros ricos e ressonantes, explorando novos timbres?

De onde viriam e de quem seriam inspiradas suas novas letras, agora focadas no amor e na inquietante situação das pessoas de nossos tempos?

A alma de Arnaldo é ligada às artes, com passagens por cursos de dança, línguas e viagens intercontinentais de observação. Cantor, escritor, poeta e virtuoso em timbres inimagináveis, após o acidente e a migração para um novo voo artístico, ele se aventurou no mundo das artes plásticas, expandindo seu catálogo de obras individuais.

Tardiamente, herdou as glórias da época dos Mutantes, mas, por isso mesmo, se tornou alvo de críticas de ex-integrantes da banda e de alguns amigos da época. Isso o levou a uma vida reclusa.

Este trabalho não será capaz de explicar a total genialidade de Arnaldo Baptista, nem sua inocência, característica dos gênios malditos. Já é hora de parar de explorar sua imagem como ídolo. Tenho minha lista de pessoas que poderiam ser entrevistadas sobre Arnaldo, mas sei que não falariam. As pessoas não sabem ou não admitem a importância que Arnaldo teve nos ventos da Tropicália e em tudo o que veio depois, como o próprio maestro Rogério Duprat afirmou.

O trabalho seminal de Arnaldo e a Patrulha do Espaço o permitiu ultrapassar os limites da caixa de Pandora, indo além do álbum-manifesto Tropicália ou Panis et Circensis, dos cinco álbuns dos Mutantes, dos dois discos solos produzidos para Rita Lee e do memorável *Lóki?*. Todo o trabalho anterior, de cunho poético e progressista, foi ultrapassado pela onda de hard rock pesado imposta pela Patrulha do Espaço, expandindo os limites das barreiras artísticas, existenciais e criativas. O compositor estava no limite!



A imagem em questão, que retrata Arnaldo e a Patrulha do Espaço, foi tirada em frente a uma porta de madeira de uma caixa d'água localizada em uma praça, nas proximidades do Parque da Aclimação, em São Paulo, onde também foram feitas outras fotos do grupo.

